



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

KLEBER RENZO

**AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS SUBJACENTES ÀS METÁFORAS
EDUCACIONAIS EM PÁGINAS DE PEDAGOGIA NO FACEBOOK**

ORIENTADOR: PROF. DR. MARCELO MACEDO CORRÊA E CASTRO

RIO DE JANEIRO
2022

KLEBER RENZO

**AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS SUBJACENTES ÀS METÁFORAS
EDUCACIONAIS EM PÁGINAS DE PEDAGOGIA NO FACEBOOK**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Macedo Corrêa e Castro

RIO DE JANEIRO
2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a minha formação em Pedagogia. Incluo aqui minha família como um todo, meus amigos, colegas e professores da Pedagogia da UFRJ. Dedico esta pesquisa também aos autores, pensadores e cientistas da educação, em cujas produções eu me referencio para construir meu pensamento e prática pedagógica, e que, com seus escritos, alimentam a minha paixão pela educação, essa grande área que se dedica à formação humana. Minha dedicatória enfática é direcionada ao Murilo, meu companheiro, esse ser humano afetuoso, complexo, sonhador e cheio de nuances que, nos momentos mais difíceis, e também nos mais tranquilos, optou por permanecer sempre ao meu lado, compartilhando cada momento dessa empreitada de sermos um tipo de “estrangeito” no Rio de Janeiro, cidade que nos acolheu muito bem, e que, hoje, é um de nossos lares no mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda a minha família por oferecer suporte para que eu conseguisse permanecer firme e forte ao longo da minha jornada acadêmica. Minha gratidão às minhas companheiras e companheiros do curso de Pedagogia, com quem eu tive o privilégio de partilhar inúmeras experiências na Praia Vermelha e em outros espaços da UFRJ, lugares mágicos de ótimos encontros e trocas. Agradeço também às minhas professoras e professores da Pedagogia, que, em sua dedicação e empenho à formação docente, se tornaram inspiração ao meu fazer pedagógico. Por fim, deixo aqui um agradecimento especial ao meu marido, Murilo, que sempre esteve lá para me ouvir, acolher e me incentivar no processo de construção desta monografia, trabalho que significa um marco fundamental na minha formação como pedagogo.

À semelhança do jardineiro, que tem que se preocupar com a terra que acolheu a semente, também o educador deve se preocupar com a qualidade da vida do educando.

(Célestin Freinet)

RESUMO

RENZO, Kleber. **As Tendências Pedagógicas Subjacentes às Metáforas Educacionais em Páginas de Pedagogia no Facebook**. Rio de Janeiro, 2022. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este trabalho abordou as metáforas educacionais - entendendo-as como metáforas que dizem algo sobre educação - com base nas tendências pedagógicas, definidas como os diferentes modos pelos quais a educação é pensada, teorizada e praticada (SAVIANI, 2006). Aqui, adotou-se como perspectiva o sentido de metáfora proposto pela Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), postulada por Lakoff e Johnson (1980), segundo a qual a metáfora consiste na compreensão de uma coisa em termos de outra. Nessa visão, compreende-se que os fenômenos metafóricos são gerados a partir das experiências do ser humano com o mundo social e material, de modo a estruturar sua linguagem, seu pensamento e sua ação. A respeito das tendências pedagógicas, utilizou-se a categorização e descrição realizadas por Libâneo (2014), que as agrupa em Liberais e Progressistas. Teve-se como principal objetivo identificar as correspondências entre as metáforas educacionais e as tendências pedagógicas. Para tanto, foram coletadas metáforas educacionais em páginas de Pedagogia na rede social Facebook. Depois, alicerçadas nas tendências pedagógicas, desenvolveram análises desse material, agrupando as metáforas conforme suas relações com as tendências. Como resultados, foi verificado que, para cada tendência pedagógica ou grupo de tendências, existe metáforas que se aproximam ou se alinham com alguns de seus pressupostos pedagógicos, sendo possível, assim, traçar diversos paralelos, alguns mais explícitos outros menos, entre metáforas educacionais e tendências pedagógicas. Foi constatado também que as metáforas Liberais, especificamente as Tradicionais e Progressivistas, apareceram com maior frequência.

Palavras-chave: metáforas educacionais; tendências pedagógicas; facebook.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplo de Notação para Análise das Metáforas	17
Quadro 2 - Metáfora da Doação.....	29
Quadro 3 - Metáfora do Presente.....	29
Quadro 4 - Metáfora do Herói.....	30
Quadro 5 - Metáfora da Construção.....	30
Quadro 6 - Metáfora da Construção e do Concerto.....	30
Quadro 7 - Metáfora da Semente.....	31
Quadro 8 - Metáfora do Cultivo A.....	34
Quadro 9 - Metáfora do Cultivo B.....	34
Quadro 10 - Metáfora do Cultivo C.....	35
Quadro 11 - Metáfora do Cultivo D.....	35
Quadro 12 - Metáfora do Co-construtor.....	35
Quadro 13 - Metáfora da Música.....	36
Quadro 14 - Metáfora do Plugue.....	36
Quadro 15 - Metáfora do Adubo.....	39
Quadro 16 - Metáfora do Cérebro Árvore.....	40
Quadro 17 - Metáfora da Palavra Abraço.....	40
Quadro 18 - Metáfora do Investimento.....	42
Quadro 19 - Metáfora da Suplementação Alimentar.....	42
Quadro 20 - Metáfora da Arma.....	44
Quadro 21 - Metáfora da Barricada.....	45
Quadro 22 - Metáfora da Batalha ou das Ferramentas.....	45
Quadro 23 - Metáfora do Mundo Texto.....	45
Quadro 24 - Metáfora do Voo A.....	48
Quadro 25 - Metáfora do Voo B.....	49
Quadro 26 - Metáfora do Voo C.....	49
Quadro 27 - Metáfora da Conexão ou da Desconexão.....	50
Quadro 28 - Metáfora do Combate.....	52
Quadro 29 - Metáfora do Tronco de Árvore.....	52
Quadro 30 - Metáfora da Escada.....	53
Quadro 31 - Metáfora do Caminho.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - METÁFORAS.....	11
CAPÍTULO 2 - TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS.....	19
2.1 - PEDAGOGIAS LIBERAIS.....	20
2.1.1 Tendência Liberal Tradicional.....	21
2.1.2 Tendência Liberal Renovada Progressivista.....	21
2.1.3 - Tendência Liberal Renovada Não-diretiva.....	22
2.1.4 - Tendência Liberal Tecnicista.....	22
2.2 - PEDAGOGIAS PROGRESSISTAS.....	23
2.2.1 - Tendência Progressista Libertadora.....	23
2.2.2 - Tendência Progressista Libertária.....	23
2.2.3 - Tendência Progressista “Crítico-social dos Conteúdos”.....	24
CAPÍTULO 3 - METÁFORAS EDUCACIONAIS.....	26
3.1 TRADICIONAIS.....	29
3.2 RENOVADAS PROGRESSIVISTAS.....	34
3.3 RENOVADAS NÃO-DIRETIVAS.....	39
3.4 TECNICISTAS.....	42
3.5 PROGRESSISTAS.....	44
3.6 AMBÍGUAS E NÃO IDENTIFICADAS.....	48
3.6.1 Metáforas Ambíguas.....	48
3.6.2 Metáforas Não Identificadas.....	52
RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXO A.....	60
ANEXO B.....	61

INTRODUÇÃO

Durante boa parte da história do ocidente, as metáforas foram tratadas apenas como um recurso retórico e poético, ou seja, como uma estratégia linguística para convencer o interlocutor ou como um artifício para embelezar os textos poéticos e literários. Esse modo de ver a metáfora acaba reduzindo-a ao status de ordenamento discursivo, que não faz parte das interações cotidianas e nem deve estar presente nos textos científicos, uma vez que entendia-se as metáforas como um risco para a objetividade das produções acadêmicas.

Entretanto, foi ao longo do século XX que os fenômenos metafóricos foram ganhando outros contornos e importância do ponto de vista acadêmico, sobretudo, nos estudos da área da Linguística Cognitiva. A metáfora, a partir de então, começa a ser reconhecida como um fenômeno onipresente na vida cotidiana, que surge, em boa parte, a partir de nossas experiências corporais com o mundo material e social, e que participa da estruturação não só de nossa linguagem e pensamento como também de nossas ações.

Neste sentido, aponta-se os trabalhos de Lakoff e Johnson, em especial a obra *Metáforas da Vida Cotidiana* publicada em 1980, como um marco para essa mudança de entendimento acerca das metáforas, dando origem à Teoria da Metáfora Conceitual (TMC). Na TMC, a metáfora é concebida, essencialmente, como a compreensão de uma coisa em termos de outra, ocorrendo em uma dinâmica que conjuga um domínio-fonte, de cunho mais concreto, e um domínio-alvo, aquilo de que se pretende falar, que, via de regra, tem um caráter mais abstrato. Por exemplo, na metáfora “a vida é uma viagem”, a “viagem” consiste no domínio-fonte, algo mais simples de entender, e a “vida”, enquanto algo mais complexo de definir, configura-se como o domínio-alvo. Portanto, é essa perspectiva contemporânea de metáfora, como um fenômeno estruturante da linguagem, da cognição e da ação abundantemente presente no dia a dia, que adotamos no presente trabalho.

Esta pesquisa tem como disparador os trabalhos de Araújo (2014) que, fundamentado em Charbonnel (1991), aponta que, quando se examina de perto o discurso pedagógico e os textos educacionais, algo que se destaca é a presença massiva da metáfora e da analogia. Um exemplo de metáfora educacional (termo que será utilizado para nos referirmos às metáforas estudadas neste trabalho) que aparece com frequência, como veremos no decorrer deste trabalho, é a associação feita entre a educação de uma criança e o cultivo de uma planta; ou ainda a educação concebida como uma arma para transformar o mundo, fazendo-se uso de termos bélicos. Vale dizer que as metáforas educacionais não somente descrevem os processos

de ensino e aprendizagem, mas também indicam modos de agir em contextos pedagógicos (ARAÚJO, 2014). Em outras palavras, no campo da educação, o uso das metáforas nos textos e discursos prescreve as formas como devem ser conduzidas as práticas pedagógicas. Decorre disso a importância de estudar quais metáforas educacionais circulam socialmente e o que elas enunciam sobre educação.

No entanto, se faz necessária uma distinção entre metáforas educacionais e as metáforas ditas educativas, pois é possível que se faça uma confusão, por certa semelhança entre as palavras, quando nos deparamos pela primeira vez com o termo “metáfora educacional”. Enquanto as metáforas educativas podem remeter àquelas que têm como principal finalidade ensinar algo a alguém, as denominadas metáforas educacionais são aquelas que, de algum modo, dizem algo sobre a educação, seja a respeito de seus sujeitos, processos, objetivos ou quaisquer outros aspectos educacionais. Entretanto, isso não quer dizer que as metáforas educacionais não possam ser usadas para ensinar algo, mas elas não possuem, necessariamente, essa intenção explícita como foco.

Se as metáforas educacionais dizem algo sobre educação, elas acabam assumindo um certo tipo de posicionamento que se alinha ou se aproxima, em alguma medida, a uma ou outra tendência pedagógica. Neste sentido, as tendências pedagógicas, também chamadas de concepções ou abordagens, podem ser definidas, resumidamente, como os distintos modos de se compreender, teorizar e praticar a educação (SAVIANI, 2006). Sendo assim, neste trabalho, utilizaremos, como a nossa principal referência de análise, a categorização e descrição das diferentes concepções pedagógicas realizadas por Libâneo (2014), que as separa em dois grupos: as Liberais, subdivididas em Tradicional, Progressivistas, Não-diretivas e Técnica; e as Progressistas, subdivididas em Libertadora, Libertária e Crítico-social dos Conteúdos.

Tendo as metáforas educacionais como objeto a ser buscado e analisado; e as tendências pedagógicas como lente de análise, nos questionamos onde poderíamos encontrar essas metáforas. Então, procuramos em espaços que reunissem muitas pessoas interessadas em educação e ainda houvesse uma circulação de informações com potencial para acharmos as metáforas educacionais. Assim, em uma pesquisa exploratória, nos deparamos com algumas páginas da rede social Facebook que possuem a palavra Pedagogia em seu nome. Nelas, encontramos diversas postagens, com milhares de curtidas e compartilhamentos, que continham metáforas que abordam algum aspecto da educação. E, a partir daí, fomos pesquisar sobre o Facebook, e descobrimos que ele é a terceira rede social mais usada no Brasil (DATAREPORTAL, 2022), o que evidencia a grande relevância de se realizar

pesquisas que abordem os conteúdos que circulam nesses espaços, uma vez que alcançam um grande número de indivíduos.

Em face ao exposto até aqui, a principal pergunta que orienta esta pesquisa é a seguinte: a quais tendências pedagógicas as metáforas educacionais encontradas se aproximam ou se alinham? Dessa forma, nosso objetivo central é identificar as possíveis correspondências e relações entre as metáforas educacionais coletadas em páginas de Pedagogia no Facebook e as tendências pedagógicas, ou seja, utilizar as tendências como chave interpretativa das metáforas.

Em suma, este estudo busca compreender quais sentidos sobre educação estão sendo produzidos e disseminados em páginas de Pedagogia no Facebook por meio das metáforas educacionais, perspectivando que as concepções de educação embasam e orientam as práticas pedagógicas. O propósito, porém, não é esgotar as possibilidades de interpretação e análise dos materiais recolhidos, mas sim oferecer subsídios para as reflexões e debates em torno dos discursos a respeito da educação que circulam entre indivíduos com interesse em Pedagogia, sejam eles professores, estudantes, gestores ou outras pessoas que não necessariamente fazem parte diretamente da área da educação.

No que diz respeito à estrutura deste trabalho, no Capítulo 1, discorremos sobre os modos como as metáforas foram tratadas ao longo da História, trazendo algumas definições, variações e detalhes a respeito da forma como se dão os fenômenos metafóricos. No Capítulo 2, abordamos alguns dos pressupostos e características das diferentes tendências pedagógicas. Já no Capítulo 3, desenvolvemos as análises das metáforas educacionais a partir das tendências pedagógicas, agrupando as metáforas de acordo com suas correspondências com as tendências. Nas Considerações Finais, por sua vez, expomos alguns resultados de nossa pesquisa e fazemos algumas ponderações.

CAPÍTULO 1 - METÁFORAS

É atribuída ao filósofo grego Aristóteles, a primeira noção de metáfora no Ocidente. Essa noção considera o fenômeno metafórico como uma substituição de uma palavra por outra, estando seu uso restrito ao campo da retórica e da poética (SPERANDIO; ASSUNÇÃO, 2011; ANDRADE, 2012). Nessa perspectiva, por um lado, a metáfora é compreendida como um aparato que contribui no poder de persuasão e convencimento de um discurso, por outro, a metáfora serve como um acessório de embelezamento dos textos poéticos (ALMEIDA, 2005).

Nessa compreensão da metáfora como uma simples substituição de palavras, o termo entendido como figurado pode ser substituído pelo literal sem haver perda de sentido. Ou seja, no entendimento Aristotélico, a metáfora pode ser dispensada em favor do uso literal de uma palavra, e mesmo assim, o sentido permaneceria o mesmo. Fica pressuposto, desse modo, uma dicotomia entre literal e figurado. Portanto, essa abordagem reduz a metáfora a um mero ornamento linguístico retórico ou poético a ser utilizado em situações excepcionais, fora do cotidiano (ANDRADE, 2012).

Essa visão Aristotélica do fenômeno metafórico perdurou durante boa parte da História do Ocidente. Como destaca Andrade (2012, p. 24), “(...) se atribui, em boa parte da literatura (inclusive especializada), a Aristóteles o fato de a metáfora ter sido relegada por quase dois mil anos ao domínio das firulas linguísticas e da arte da palavra”. Reforçando essa leitura, Almeida (2005, p. 3) coloca que “da Antiguidade Clássica até meados do século XX, a metáfora era vista exclusivamente como uma figura de linguagem que servia ao embelezamento de textos e discursos”. Desse modo, também na modernidade pungentemente iluminista, onde o pensamento cientificista era preponderante, pregava-se que as metáforas, e outras figuratividades, deveriam ser evitadas a todo custo nos textos científicos, uma vez que poderiam dificultar o descobrimento e a descrição precisa do mundo e o desvelamento de suas verdades objetivas, podendo induzir até mesmo a erros e falsos resultados (ALMEIDA, 2005).

Quando voltamos o olhar para a literatura especializada dos estudos sobre metáfora na modernidade, alguns nomes se destacam, como Harry Peacham (1578-1644); Pierre Fontanier (1765-1844); André Spire (1868-1966); Pierre Guiraud (1912-1983), dentre outros (ANDRADE, 2012). Inclusive, foi a partir da renascença que a metáfora passou a ser dividida em diversas figuras de linguagem, dado que era muito forte o movimento taxonômico de classificação do mundo em categorias. Contudo, quando analisa de perto os trabalhos de tais

autores, Andrade (2012) pondera que, apesar das importantes contribuições para entendimento acerca do fenômenos metafóricos, muitos autores não se desprenderam completamente da influência da concepção aristotélica de metáfora, que acabou se consolidando como tradicional. Por consequência, na modernidade, os estudos referentes a metáfora, de forma geral, não conseguiram abarcar a complexidade e abrangência do tema. Assim sendo, a concepção hegemônica de metáfora, que tem como base a teoria da substituição, acabou legando à metáfora “o estigma de ornamento, esvaziando-a de suas potencialidades linguísticas e cognitivas” (ANDRADE, 2012, p. 26).

Já a literatura recente aponta os estudos de Lakoff e Johnson como uma mudança radical na concepção de metáfora (SPERANDIO; ASSUNÇÃO, 2011; VEREZA, 2007). As principais ideias desses dois autores, cuja teoria proposta foi denominada de Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), estão presentes no livro *Metáforas da Vida Cotidiana*, lançado em 1980. Essa abordagem, considerada uma mudança de paradigma nos estudos da área, lança um novo olhar sobre as metáforas, chamando atenção para o fato delas estarem fortemente presentes na vida cotidiana. Segundo essa abordagem, isso ocorre porque nosso sistema conceitual ordinário, aquele com o qual operamos no dia a dia, é fundamentalmente metafórico, e a partir dele não só pensamos como também agimos (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Comentando a respeito da principal tese da TCM, Morato e Freitas (2017, p. 134/135) destacam que concebemos o mundo figurativamente e “a metáfora é uma operação cognitiva fundamental, subjacente à linguagem e às ações humanas cotidianas”, mesmo que não tenhamos plena consciência disso, o que ocorre na maioria das vezes. Nessa perspectiva, o discurso constitui-se como o principal lugar de observação de índices de metáforas conceituais, visto que é nele que se manifestam as marcas de uma operação cognitiva mais global (ALMEIDA, 2005).

De forma resumida, falando a respeito do mecanismo de operação do fenômeno metafórico realizado por nós, a TMC considera a metáfora como um mapeamento sistemático entre dois domínios conceituais, o domínio-fonte e o domínio-alvo; sendo o primeiro mais físico, a fonte das inferências, e o segundo mais abstrato, onde as inferências se aplicam (LIMA; SILVA, 2014). Como veremos mais adiante, essa linha teórica vinculada a Linguística Cognitiva adota uma visão experiencialista da cognição que, como diz Lima e Silva (op.cit), defende que os conceitos emergem a partir da interação do ser humano com o meio em que habita e não a partir das propriedades da própria coisa. Vale destacar, ainda, que

essa interação entre o humano e mundo se dá, em boa parte, por meio do corpo, ou seja, a construção dos conceitos está baseada na experiência corpórea.

Um exemplo de conceito metafórico presente na obra *Metáforas da Vida Cotidiana* (1980), que pode contribuir no entendimento da relevância da metáfora no modo como experienciamos o mundo, evidencia-se nas seguintes expressões usadas recorrentemente em uma interação que envolve discussão: atacar; defender; recuar; dar trégua; montar ou cair em uma armadilha; encurralar o adversário; entre outras. Tais expressões evidenciam que o entendimento de discussão é compreendido em termos de guerra. Esse entendimento acaba estruturando a maneira como as discussões, muito comumente, são vivenciadas. Isso porque a discussão não somente será pensada e descrita com palavras usadas dentro do âmbito da guerra, como também as ações, condutas e posturas dos sujeitos serão estruturadas, em alguma medida, a partir de preceitos bélicos. Ou seja, neste caso, existe uma forma de dizer, pensar e experienciar a discussão como guerra. Neste exemplo, destaca-se a metáfora conceitual "DISCUSSÃO É GUERRA", onde o domínio-fonte é "guerra", pois consiste no domínio do qual se extraem os sentidos para conceituar o domínio-alvo, que, nesse exemplo, é "discussão". Os autores da obra acima referenciada colocam, ainda, a hipótese de que, se a discussão em uma sociedade fosse compreendida como uma dança, e não como guerra, a experiência de discussão seria outra, talvez mais alinhada à ideia de cooperação do que de competição.

Outro exemplo de conceito estruturado de forma metafórica é o tempo entendido em termos de dinheiro. As expressões que evidenciam essa metaforicidade do conceito de tempo são: gastar tempo, perder tempo, poupar tempo, investir tempo, doar tempo, ganhar tempo, etc. Esse tipo de concepção de tempo está atrelado à maneira como nossa sociedade pensa e experimenta o tempo, de modo a produzir a metáfora conceitual "TEMPO É DINHEIRO". A respeito desse caso, Lakoff e Johnson (1980, p. 51) apontam que, assim como o dinheiro, o fato de agirmos "como se o tempo fosse um bem valioso - um recurso limitado, como o dinheiro - nós o concebemos dessa forma. Logo, compreendemos e experienciamos o tempo como algo que pode ser gasto, desperdiçado, orçado, bem ou mal investido, poupado ou liquidado".

Aqui se faz necessário tecer algumas ponderações em relação à dimensão cultural da metáfora. Os valores fundamentais de uma determinada cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos também fundamentais dessa cultura (LAKOFF; JOHNSON, 1980), de modo que uma metáfora possa fazer sentido para determinados grupos,

enquanto para outros não. No caso de o conceito de tempo ser associado ao dinheiro, por exemplo, diz respeito ao fato de vivermos dentro do sistema capitalista, onde as relações entre os sujeitos e mundo, frequentemente, se estabelecem em função do próprio dinheiro. Portanto, ao analisar os fenômenos metafóricos, é preciso levar em conta a cultura na qual a metáfora está inscrita.

Uma problematização a ser considerado em relação à metáfora é a de que se, por um lado, ela apresenta uma potencialidade de colaborar na construção de nossas compreensões a respeito do mundo, por outro, a metáfora pode acabar encobrindo determinados aspectos de um conceito ou fenômeno, como ocorre nos casos de “discussão como guerra” e “tempo como dinheiro”. Isso porque, ao ressaltar alguns aspectos do que se pretende referir enquanto ocultam outros, essas metáforas apresentam limitações, pois não conseguem abarcar todas as nuances de “discussão” e nem de “tempo”. Tais limitações dessas metáforas conceituais ficam evidentes, por exemplo, ao não ressaltar a dimensão de cooperação de uma discussão, ou as experiências de tempo mais subjetivas, ou até as lidas com o tempo fora da lógica do dinheiro. Ou seja, as metáforas, muito mais que refletir, “ajudam a construir nossa realidade social, iluminando certos aspectos dos fenômenos a que se referem, enquanto obscurecem outros” (ALMEIDA, 2005, p. 5). Neste sentido, Lakoff e Johnson (1980, p. 57) assinalam que “a estruturação metafórica (...) é apenas parcial e não total”.

Na obra *Metáforas da Vida Cotidiana* (1980), discorre-se sobre alguns tipos de metáforas e outros fenômenos figurativos que valem ser mencionados, dentre eles estão as metáforas orientacionais, as metáforas ontológicas, a personificação e a metonímia.

Nas metáforas orientacionais, não se estrutura um conceito em termos de outro como nos exemplos citados anteriormente, mas, ao invés disso, com base na nossa experiência corporal, organiza-se todo um sistema de conceitos em relação a outro. Essas metáforas, que se originam em nossas experiências espaciais, incluem noções como: para cima - para baixo; dentro - fora; frente - atrás; em cima de - fora de; fundo - raso; e central - periférico. Tais noções desenvolvidas a partir do corpo, e que acabam compondo uma lente metafórica para compreendermos e lidarmos com o mundo, ficam claras nas expressões: “Estou me sentindo para cima”; “Estou meio para baixo hoje”; “Tenho um futuro brilhante a minha frente” e “Olhar para minha vida lá atrás me faz ficar arrependido”. Essas frases denotam as metáforas conceituais: “FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO”; “FUTURO É PARA FRENTE e PASSADO É PARA TRÁS”. Entretanto, conforme já mencionado anteriormente, as metáforas e seus sentidos variam conforme a cultura, uma vez que há culturas cujo futuro

não tem essa noção espacial para frente e o passado para trás, como é comum nas sociedades ocidentais.

Já as metáforas ontológicas dizem respeito àquelas às quais atribuem-se características oriundas de nossas experiências com objetos físicos para ideias, atividades, emoções e eventos, tratando-os como entidade, substância ou recipiente. A título de exemplo, podemos destacar a expressão “a inflação está derrubando o nosso padrão de vida”, onde a inflação é tratada como entidade; ou ainda quando se diz que “a educação está andando para trás”, como se fosse um automóvel ou outro objeto que possa se deslocar para trás. Acerca desse tipo de metáfora, Lakoff e Johnson (1980, p. 77) pontuam que elas “são necessárias para tentar lidar racionalmente com nossas experiências”, sobretudo quando estamos lidando com fenômenos abstratos com alto grau de complexidade. Neste sentido, um tipo de metáfora ontológica muito comum é a personificação, como ocorre nos seguintes casos: “A vida te trapaceou”, “A inflação está nocauteando nossos lucros” e “A corrupção é a inimiga do nosso país”. Tais expressões, ao tratar fenômenos abstratos e complexos (vida, inflação e corrupção) como adversários, tem um poder explicativo e elucidativo do tipo de metáfora que pode fazer sentido para a maioria das pessoas (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

A metonímia, por sua vez, é um tipo de fenômeno figurativo que difere das metáforas, na medida que não concebe uma coisa em termos de outra, como ocorre no caso da metáfora, cuja função está relacionada à compreensão. Diferentemente disso, a metonímia exerce um papel de referencial, onde uma entidade é usada para representar ou referenciar outra. Um exemplo de metonímia, dentro de diversos subtipos, é quando dizemos as seguintes frases: “Há muitas boas cabeças na universidade” ou “Ele tem um grande coração”. Ambas as frases se referem a um aspecto a que se pretende dar ênfase, sendo que a primeira associa a cabeça à inteligência, e a segunda faz um referência à empatia e à afetividade usando a palavra coração. Nessa perspectiva, “assim como as metáforas, os conceitos metonímicos estruturam não somente nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e, também, baseiam-se na nossa experiência” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 97). Inclusive, nas metáforas educacionais, foco do nosso estudo, o livro tem uma função metonímica do conhecimento ou da educação de forma mais ampla. Isso porque o livro, enquanto um dos elementos fortemente presentes nos processos educativos, pode ser usado como um referente para a educação, possuindo um sentido maior do que o objeto livro em si.

Desde o desenvolvimento inicial da Teoria Conceitual da Metáfora na década de 70 e 80, os conhecimentos acerca do processo de funcionamento mental e cerebral sofreram

diversas mudanças; e foi nessa esteira que a TMC também passou por transformações (SPERANDIO; ASSUNÇÃO, 2011). Dessa forma, apesar das premissas da TMC ainda serem válidas - como as experiências corporais básicas com o mundo material e cultural terem um papel fundamental para a construção das metáforas, e estas participarem fortemente na construção dos conceitos, do pensamento e das ações dos seres humanos - avanços significativo das neurociências contribuíram na transformação da Teoria Conceitual da Metáfora em Teoria Neural da Metáfora (TNM). A esse respeito, Sperandio e Assunção (2011, p. 8) se empenham em explicitar a principal diferença entre a TMC e a TNM:

Esta (TNM) promove uma forma diferente de concebermos o processamento metafórico, pois sua visão se opõe às anteriores, que consideravam hipóteses bidominais nas quais tínhamos o processamento do domínio-fonte no cérebro antes do mapeamento do domínio-alvo. A TNM propõe que o processamento é feito em paralelo. Quando, por exemplo, ouvimos uma expressão metafórica, o circuito do domínio-fonte é ativado pelos significados literais das palavras e o circuito do domínio-alvo pelo contexto. Juntos, esses dois domínios ativam o circuito do mapeamento. Como resultado, temos um circuito integrado, já que há a ativação de ambos os domínios e o processamento sobre ambos ao mesmo tempo.

Tendo em vista a TNM, Lakoff (2008, p. 36, apud SPERANDIO; ASSUNÇÃO, 2011, p. 9) propõe uma notação para analisar as metáforas que “correlaciona o circuito (cerebral) com propriedades computacionais apropriadas, mas que podem ser utilizadas sem que haja a preocupação com os detalhes computacionais”. O modelo dessa notação (Quadro 1), no qual é trazido o exemplo da metáfora “AMOR É UMA VIAGEM”, será utilizado em nossas análises das metáforas educacionais. Desse modo, o título da metáfora representa um nódulo gestáltico (conceito metafórico mais geral), em seguida destaca-se o domínio-fonte e o domínio-alvo, e, por último, especificam-se quais elementos estão sendo projetados no processo de mapeamento, onde as setas correspondem aos circuitos de conexão entre elementos do domínio-fonte e o domínio-alvo.

Apesar da complexidade da TNM e suas diferenças em relação à TMC, compreendemos não ser necessário entrar em seus detalhes teóricos, pois fugiríamos do escopo deste trabalho. Portanto, em nosso entender, o que já foi explicitado até aqui sobre os fenômenos metafóricos será suficiente para darmos conta de realizar as análises das metáforas educacionais, que serão apresentadas no Capítulo 3 deste trabalho.

Quadro 1 - Exemplo de Notação para Análise das Metáforas

Metáfora: AMOR É UMA VIAGEM
Domínio-fonte: Viagem
Domínio-alvo: Amor
Mapeamento
Viajantes → Amantes
Veículo → Relacionamento
Destinações → Objetivos de vida
Impedimentos para o movimento → Dificuldades

Fonte: Adaptado de Sperandio e Assunção (2011)

Uma ponderação necessária a ser feita é que, na presente pesquisa, não fazemos distinção entre metáfora e analogia ou comparação, pois entendemos que a metáfora é um fenômeno mais amplo que se faz presente em todas as figuratividades, e isso inclui as analogias e comparações.

Com o intuito de fecharmos a discussão mais geral de como a metáfora foi sendo entendida ao longo da história, e termos discorrido sobre a abordagem à qual nos filiamos, trazemos um trecho no qual Andrade (2012, p. 53) resume com precisão a nossa compreensão de metáfora, entendendo-a como aparato de origem sociocognitivo que permeia toda a prática discursiva:

No que se refere à metáfora, nossa posição é de encará-la como um fenômeno cognitivo, porque se origina no nosso sistema conceptual, e linguístico, porque é realizada através de expressões linguísticas. É uma matéria de ideias muito mais do que de palavras. Ela é um produto cognitivo, baseado na experiência que temos com o nosso corpo e com o mundo - essa experiência é ao mesmo tempo social e biológica. Ela é também um processo cognitivo, já que o pensamento metafórico é usado constantemente para que possamos dar conta de muitos aspectos do mundo.

A partir das considerações a respeito dessa abordagem contemporânea de metáfora, vale mencionar que a especificidade da metáfora educacional consiste em seu domínio-alvo, que se refere aos principais sujeitos da educação, o educando e os professores; aos processos de ensino-aprendizagem; ao desenvolvimento dos sujeitos; aos conhecimentos; à escola; e aos demais elementos, processos e aspectos relacionados à educação. Já a especificidade do domínio-fonte, na metáfora educacional, pode ser oriunda das mais diversas esferas e campos do conhecimento e experiência humana, como a jardinagem; a agricultura; a descoberta e

exploração; a escultura e modelagem; a olaria (confeção de vasos e jarros); a iluminação; a tecelagem; o enchimento de recipientes; a alimentação; o percurso-deslocamento (viagem terrestre ou náutica), entre outras inúmeras possibilidades (ARAÚJO, 2014; ARAÚJO; ALMEIDA, 2017). Lembrando que o pressuposto deste trabalho é de que as diferentes metáforas educacionais remetem a diferentes tendências pedagógicas, que serão tratadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 - TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Toda prática educativa carrega em si orientações de determinadas tendências pedagógicas - ou também denominadas concepções pedagógicas - que podem ser entendidas como “as diferentes maneiras pelas quais a educação é compreendida, teorizada e praticada” (SAVIANI, 2006 p. 31). Cada tendência traz consigo diferentes pressupostos e perspectivas teórico-metodológicas, filosóficas e políticas. Teórico-metodológica, porque a Pedagogia, enquanto campo de conhecimento científico cujo objeto principal é a educação, produz conhecimentos visando às práticas educativas (LOPES, 2012). Filosófica, pois traz um entendimento de ser humano, de mundo e sociedade. E política, uma vez que contém diferentes interesses na potência da educação em manter ou modificar os modo de vida, pensamentos e cultura de uma sociedade.

Contudo, nem sempre os pressupostos de uma concepção pedagógica estão explícitos, apesar de se fazerem presentes. Assim, se o intuito for criar uma prática pedagógica mais consciente, é preciso estudo e reflexão para fazê-los aparecer (LUCKESI, 1994). E, a partir dessa tomada de consciência, poder escolher uma concepção que esteja em consonância com aquilo em que de fato acreditamos. Sobre o grau de consciência do educador acerca da sua própria ação educativa, Libâneo (2014) salienta que muitos professores se baseiam em prescrições pedagógicas que viraram senso comum, e que foram incorporadas em sua passagem pela escola ou foram transmitidas pelos colegas com mais tempo de docência. No entanto, “há professores interessados num trabalho docente mais consequente, professores capazes de perceber o sentido mais amplo de sua prática e de explicitar suas convicções.” (LIBÂNEO, 2014, p. 20).

É importante salientar que a ação educativa é condicionada não apenas por fatores unicamente pedagógicos, mas também por fatores sociais mais amplos de diversas ordens, como os socioeconômicos, os que envolvem as relações raciais e de gênero, a sexualidade, a inclusão etc. Isso porque a educação é uma prática social, e, enquanto tal, é atravessada por inúmeras forças atuantes dentro de uma sociedade em um dado tempo histórico. Desse modo, são inúmeras as questões de cunho social sistêmico e estrutural que, de forma direta ou indireta, afetam a prática pedagógica.

Antes de discorrermos sobre as diferentes tendências pedagógicas, um ponto que se faz necessário deixar claro é que as tendências não aparecem em sua forma pura na ação educativa concreta, pelo contrário, elas normalmente se apresentam de forma híbrida no

cotidiano escolar (LIBÂNEO, 2014). Além disso, as teorizações das concepções pedagógicas não conseguem abarcar toda a complexidade da prática experienciada pelos sujeitos, visto que apresentam limitações característica do próprio empreendimento de classificação.

Para apresentar as tendências pedagógicas, cada qual com seus diferentes pressupostos e compreensões dos processos, sujeitos, relações e papéis da educação escolar, utilizaremos como a principal referência o primeiro capítulo do livro *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*, de José Carlos Libâneo, obra publicada em sua primeira versão em 1985. Para se ter uma ideia da qualidade do trabalho de Libâneo, alguns trechos foram utilizados na íntegra por Cipriano Carlos Luckesi em seu livro *Filosofia da Educação*, de 1990. Essa breve classificação e descrição das tendências será utilizada como umas das bases para analisarmos os materiais coletados em grupos de Pedagogia no Facebook, tendo o propósito de explicitar, quando possível, as compreensões de educação que tais metáforas podem remeter.

As tendências pedagógicas são agrupadas em dois grupos, as pedagogias liberais e as progressistas: 1 - Pedagogia Liberal (Tradicional; Renovada Progressivista; Renovada Não-diretiva e Tecnicista) e 2 - Pedagogia Progressista (Libertadora; Libertária e Crítico-social dos Conteúdos).

Com a intenção de não nos estendermos para além do necessário em um trabalho monográfico de graduação, optamos por trazer apenas a descrição do papel da escola em cada tendência. Todavia, para não adquirir um teor simplista, traremos em anexo dois quadros (ANEXO A e B) com mais detalhes de cada tendência, a fim de visualizarmos melhor essas diferentes noções de educação, colocando-as lado a lado. Nesses quadros, expomos uma caracterização mais sintética, porém mais abrangente, contendo mais aspectos, elementos e eixos do processo educativo para cada uma das concepções de educação. Assim, nesses quadros anexados, além do papel da escola, trazemos também o modo como as tendências concebem os conteúdos de ensino; os métodos de ensino; o relacionamento educador-educando; os pressupostos de aprendizagem; e as manifestações na prática escolar.

2.1 - PEDAGOGIAS LIBERAIS

A pedagogia Liberal surge a partir da própria organização econômica, social e política dentro do sistema capitalista, onde a propriedade privada dos meios de produção e a sociedade dividida em classes são basilares. Portanto, a pedagogia Liberal consiste na manifestação

desse tipo de sociedade, na qual a educação se configura como um instrumento mantenedor dessa dinâmica social capitalista.

Nessa perspectiva Liberal de educação, prega-se a ideia de que a escola tem como função preparar os indivíduos para desempenhar certos papéis sociais, conforme suas aptidões individuais. Desse modo, os indivíduos necessitam aprender a se adaptar às regras, normas e valores culturais correntes na sociedade. Contudo, essa aparente valorização do aspecto cultural mascara a realidade das desigualdades de classes, pois, apesar de difundir uma ideia de igualdade de oportunidades, segundo a qual bastaria o indivíduo se esforçar, acaba não levando em consideração a enorme desigualdade de condições.

É possível verificar que, na educação brasileira, as tendências Liberais têm sido majoritariamente presentes, ocorrendo em alguns casos em sua forma conservadora, em outros, em sua forma renovada. Nas práticas escolares cotidianas, essas tendências se fazem presentes mesmo que os educadores não tenham consciência da influência de tais preceitos relacionados à pedagogia Liberal.

2.1.1 Tendência Liberal Tradicional

Na visão Tradicional, o propósito da escola é a preparação intelectual e moral dos estudantes com vistas a que ele assuma sua posição dentro da sociedade, sendo que o compromisso da instituição escolar não é com os problemas sociais, uma vez que estes são de responsabilidade da sociedade mais ampla. Diferente disso, o compromisso e preocupação da escola é com a dimensão da cultura. Já o caminho em direção ao saber consiste no mesmo para todos os educandos, com a condição de que cada indivíduo se esforce. Sendo assim, os estudantes com mais dificuldade devem superar essas dificuldades lutando para conquistar lugar com outros estudantes mais capazes, e se não conseguirem, o melhor é optar por um ensino de caráter mais profissionalizante.

2.1.2 Tendência Liberal Renovada Progressivista

Para a tendência Progressivista, a função da escola é contribuir para o processo de adequação das necessidades individuais ao meio social. Nessa visão, todo ser dispõe em si mesmo de mecanismos de adaptação progressiva ao meio, e tais formas de adaptação podem ser integradas ao comportamento. Essa integração ocorre por meio de experiências que devem atender tanto às necessidades e interesses do aluno quanto às demandas sociais. Assim, o

papel da escola é prover as experiências que possibilitem ao estudante educar-se, em um processo ativo de construção e reconstrução de si e dos objetos de conhecimento, o que implica uma interação entre estruturas cognitivas do indivíduo e estruturas do meio no qual está inserido.

2.1.3 - Tendência Liberal Renovada Não-diretiva

A principal preocupação da escola, dentro da tendência renovada não-diretiva, é com a formação de atitudes. Por esse motivo o foco está mais nos problemas psicológicos do que nos pedagógicos ou sociais. A escola se empenha fortemente na construção de um clima favorável a uma mudança dentro do indivíduo, mirando em uma adequação pessoal às demandas do ambiente. Um dos principais autores dessa tendência é Carl Rogers, que considera o ensino como uma atividade demasiadamente valorizada. Nessa compreensão de educação, os procedimentos didáticos, as competências baseadas nas matérias, as aulas e os livros têm pouca importância se comparados ao propósito de proporcionar ao sujeito um ambiente propício ao autodesenvolvimento e realização pessoal, o que envolve estar bem tanto consigo próprio como com os outros com quem convive. Neste sentido, uma boa educação tem um resultado que em muito se assemelha ao de uma terapia considerada boa.

2.1.4 - Tendência Liberal Tecnicista

Na abordagem Tecnicista, por meio do uso de técnicas específicas, a escola funciona como formatadora do comportamento humano. A instituição escolar atua no aprimoramento da ordem social vigente, nomeadamente o sistema capitalista, articulando-se com o sistema econômico e produtivo. Para isso, emprega-se a tecnologia comportamental ou a ciência do comportamento como técnica didática. O objetivo primeiro da escola é produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho, utilizando uma transmissão eficiente de informações que precisam ser precisas, objetivas e rápidas. Na perspectiva Tecnicista, a objetividade da prática escolar é garantida pela pesquisa científica, a tecnologia educacional, a análise experimental, etc.

2.2 - PEDAGOGIAS PROGRESSISTAS

As tendências Progressistas diferem das tendências Liberais principalmente pelo esforço de construir uma prática pedagógica que seja crítica ao modo como a sociedade se organiza socioeconômica e politicamente. Parte-se, na pedagogia Progressista, de uma análise crítica das realidades sociais, dando atenção para finalidades sociopolíticas da educação, mesmo que em alguns casos implicitamente. Por questionar a ordem econômica, social e política vigente, a abordagem progressista encontra grandes barreiras para se institucionalizar e ganhar escala dentro de uma sociedade capitalista. Por este motivo, as tendências progressistas se converteram em instrumentos de luta dos educadores.

Podemos categorizar o grupo pertencente à pedagogia Progressista em três tendências: a Libertadora, também conhecida de pedagogia de Paulo Freire; a Libertária, que foca em construir uma gestão escolar efetivamente democrática; e a Crítico-social dos Conteúdos, que se centraliza nos conteúdos, mas problematiza-os face às realidades sociais. Vejamos, nas próximas subseções, mais detalhes a respeito do papel da escola para cada tendência pedagógica Progressista.

2.2.1 - Tendência Progressista Libertadora

A marca da tendência Libertadora é a atuação na educação não-formal, portanto, não visa falar, pelo menos em um primeiro momento, de um ensino escolar. Porém, há professores e educadores empenhados em construir uma educação escolar a partir de preceitos da pedagogia Libertadora. Essa perspectiva vê a educação como atividade em que professores e alunos focam na realidade na qual todos estão inseridos, e dali, extraem o conteúdo de aprendizagem, de modo a desenvolver um nível de consciência dessa mesma realidade, para nela atuarem perspectivando a sua transformação. A crítica à educação Tradicional ou "bancária", cujo intento é somente depositar informações no aluno, e à crítica à educação renovada, que foca apenas em uma libertação psicológica de cunho individual, vai em um sentido de apontá-las como domesticadoras, uma vez que essas duas abordagens não contribuem no processo de leitura mais profunda da realidade social, realidade que é fortemente opressora para muitos grupos. Na contramão disso, a educação libertadora se empenha em problematizar a realidade em sua concretude, analisando as relações do ser humano com o mundo, tanto social como material, mirando a transformação. Por isso, a tendência Libertadora objetiva construir uma educação essencialmente crítica.

2.2.2 - Tendência Progressista Libertária

Na pedagogia Libertária, a escola deve atuar na transformação da personalidade dos estudantes, contribuindo em um processo de construção da autonomia e autogestão. O objetivo básico é introduzir modificações institucionais, partindo-se dos níveis subalternos, nas salas de aula da escola pública, por exemplo, que vão sendo aos poucos disseminados por todo o sistema. Em outras palavras, a escola - por meio de uma cultura que faz uso de instrumentos de participação coletiva, como assembleias, conselhos, eleições, reuniões, associações - deve formar estudantes que atuarão em outras instituições sociais, e que acabarão levando consigo o que aprenderam dessa cultura institucional de participação. Uma outra forma de atuação é aproveitar a margem de liberdade do sistema e criar grupos educativos autogestionários, como associações, grupos informais, escolas autogestionárias etc. Desse modo, existe um sentido político claro, uma vez que se afirma o indivíduo como produto do social, estando o seu desenvolvimento individual fortemente atrelado ao coletivo. Portanto, a autogestão é o conteúdo, o método e o objetivo, tanto pedagógico quanto político.

2.2.3 - Tendência Progressista “Crítico-social dos Conteúdos”

Nessa tendência pedagógica, o compartilhamento de conteúdos é tido como fundamental. Entretanto, os conteúdos não são aqueles abstratos e longe da experiência vivida, muito pelo contrário, eles devem ser concretos, vivos e indissociáveis das realidades sociais. Neste sentido, a escola, enquanto instrumento de apropriação do saber, presta importante serviço aos interesses populares, visto que tem um importante potencial de contribuir para a diminuição das desigualdades sociais. De acordo com essa visão, se a escola integra o todo social, a ação dentro dela é também uma ação que pode caminhar em direção à transformação da sociedade. Assim, a pedagogia Crítico-social dos Conteúdos pretende dar um passo à frente no papel transformador da escola, entendendo que o que define uma pedagogia crítica é a consciência de seus condicionantes histórico-sociais; e que com essa consciência, a partir das condições concretas existentes, pode contribuir no processo de mudança intencional da sociedade. Dessa forma, garantir a todos um bom ensino é a condição básica para que a escola esteja alinhada aos interesses populares, pois espera-se que a apropriação dos conteúdos escolares tenha algum impacto na vida dos estudantes. De forma resumida, a escola atua na preparação do aluno para a sua vida fora da escola, compreendendo que o mundo é um lugar cheio de contradições e desafios. A escola, portanto, deve ajudar os

educandos a construírem instrumentos para uma participação ativa em prol da democratização mais efetiva da sociedade, sendo que tais instrumentos são forjados através da apropriação de conteúdos e também do processo de socialização.

Antes de finalizarmos este capítulo, é importante frisar que, ao longo do processo histórico, em uma dinâmica de permanências e transformações, surgem novas metodologias, relações, práticas, compreensões e ideias a respeito da educação, sendo assim, novas tendências pedagógicas podem surgir a partir do processo de conflito de forças atuantes dentro da sociedade. Entretanto, pode-se compreender essas possíveis novas concepções pedagógicas a partir de uma aproximação ou distanciamento das tendências aqui apresentadas, mas sem deixar de considerar as características particulares dessas possíveis novas visões de educação. Seguiremos, então, para a análise das metáforas educacionais através das lentes das diferentes tendências pedagógicas que foram apresentadas neste capítulo.

CAPÍTULO 3 - METÁFORAS EDUCACIONAIS

A educação humana é um fenômeno com um alto grau de complexidade, o que exige, conseqüentemente, um empenho para construir formas de torná-la cognoscível. Esse empenho envolve um processo de extrair subsídios e instrumentos de referências dos mais diversos campos de experiência ou conhecimento humano, em um intento de entender não só a educação como também modos de praticá-la. Um desses instrumentos é a metáfora.

Em relação ao recurso metafórico para compreender e praticar educação, Almeida (2005) coloca que as metáforas utilizadas pelos professores, com o propósito de dar conta da natureza, por exemplo, de um dos principais objetos da educação, o conhecimento, têm um papel importante no surgimento, valorização, manutenção ou transformação dessa ou daquela prática educativa. Isso porque “o modo de se falar sobre alguma coisa pode conter marcas linguísticas de uma metáfora conceitual, sendo esta capaz de estruturar nosso pensamento sobre determinado assunto” (ALMEIDA, 2005, p. 2).

Nesta perspectiva, a metáfora educacional, mais do que um poder descritivo ou explicativo dos diversos aspectos da educação, apresenta uma natureza praxeoprescritiva, o que significa que a metáfora que diz sobre educação se coloca como aquilo que deve ser imitável, ou seja, o modo como devem ser conduzidas as práticas educativas (ARAÚJO, 2014). Assim, caso queiramos compreender quais discursos sobre educação circulam em um dado tempo em uma sociedade, o estudo das metáforas educacionais ganha relevância nesse empenho investigativo, pois, a análise das metáforas educacionais nos possibilita ver traços ou indicativos de tendências pedagógicas que se fazem presentes nos discursos.

Quando fomos pesquisar as metáforas educacionais nas redes sociais, nos deparamos com uma característica muito comum nos discursos e textos em espaços virtuais de interação, a multimodalidade. Antes de falar de metáfora denominada multimodal, é preciso entender no que consiste modo ou modalidade. Segundo Forceville (2009), podemos entender modo, de forma resumida, como um sistema de signos interpretáveis cuja matriz está em um processo de percepção específico. Os modos que se apresentam com mais frequência no cotidiano são: (1) signos pictóricos (imagens); (2) signos escritos (verbais); (3) signos falados (verbais); (4) signos gestuais; (5) signos sonoros; (6) signos musicais (7) signos olfativos; (8) signos gustativos; e (9) signos táteis. A partir desses entendimentos, podemos considerar que os discursos e textos multimodais são aqueles que apresentam dois ou mais tipos de modo.

Considerando essa linha de raciocínio, podemos definir a metáfora denominada multimodal como aquela que representa seu domínio-fonte e o domínio-alvo com pelo menos dois modos FORCEVILLE (2009). No caso do conjunto do material objeto de análise deste estudo, as metáforas se apresentam de diferentes maneiras, havendo metáforas constituídas por imagens e palavras, portanto, multimodais; metáforas monomodais, sendo algumas vezes compostas exclusivamente por imagens ou figuras (metáforas visuais); e outras formadas em sua apresentação apenas por palavras, como ocorre nos exemplos de metáforas educacionais trazidos no primeiro capítulo deste trabalho. Desse modo, assim como em grande parte dos textos com que entramos em contato e os que criamos ou reproduzimos no cotidiano nos dias atuais nos espaços virtuais de interação, como na rede social Facebook, os sentidos são criados a partir de uma composição que congrega a linguagem verbal, tendo como base a palavra, com a linguagem imagética.

A escolha de coletar o material que será analisado neste estudo na rede social Facebook, plataforma pertencente à empresa recentemente nomeada de Meta, se deu pelo fato de identificarmos, a partir de uma breve pesquisa exploratória, uma maior frequência de metáforas educacionais nessa plataforma. Além disso, o Facebook é a plataforma de rede social com mais usuários ativos no mundo e a terceira no Brasil (DATAREPORTAL, 2022), o que a torna relevante do ponto de vista do alcance das informações que nela circulam. Neste sentido, Amante (2014, p.28) ressalta que compreender a vida social no mundo contemporâneo “requer considerar o estudo das redes sociais online já que estas alteraram profundamente nos últimos anos a forma como milhões de pessoas se comunicam e compartilham informação entre si”. A respeito das redes sociais, especificamente as comunidades virtuais, Lemos (2002, apud RECUERO, 2009) define-as como agregações em torno de interesses em comum, que geram interações e trocas diversas entre os indivíduos, independente de fronteiras ou demarcações territoriais fixas.

A fim de caracterizar os espaços pesquisado dentro do Facebook, podemos mencionar que as metáforas educacionais foram coletadas em duas páginas¹, entre janeiro de 2020 e novembro de 2021, que carregam em seu nome a palavra pedagogia: 1) *Pedagogia da Educação*², com cerca de 323.000 usuários que curtem ou seguem a página, estando

¹As páginas no Facebook se diferenciam das contas pessoais e grupos por serem públicas, possuírem funcionalidades específicas e terem o objetivo de reunir uma comunidade focada em um determinado assunto ou produto.

²Link da página *Pedagogia da Educação* no Facebook: <https://www.facebook.com/Pedagogiadaeducacao>

categorizada dentro da plataforma como “site educacional, site de entretenimento e tutor/professor”; e 2) *Pedagogia Brasil*³, com mais de 2.230.000 perfis curtindo ou seguindo a página, e está categorizada como “site de notícias e mídia e site educacional”. A grande maioria das metáforas educacionais foi coletada nesta última página. Esses números nos dão uma ideia do alcance considerável dessas páginas. As páginas não trazem detalhes de seus objetivos, nem trazem informações sobre seus moderadores ou proprietários. Sendo assim, parecem não pertencer ou atuar para nenhuma instituição escolar ou organização educacional.

Vale salientar que as análises das metáforas expostas a seguir são apenas algumas interpretações possíveis, não pretendendo ser exaustivas, de modo a não esgotar as possibilidades de compreendê-las e problematizá-las. Já no que concerne à atribuição da autoria de algumas metáforas a determinados autores, não averiguamos a sua veracidade, uma vez que não é o objetivo deste trabalho. Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, se faz necessário fazer algumas considerações importantes referentes ao material a ser analisado a seguir.

Durante uma análise preliminar do material recolhido no Facebook, percebemos que, em um post multimodal, a relação entre a modalidade verbal e visual pode ocorrer de pelo menos três formas, a saber: 1. A convergem para a construção do sentido metafórico, por complemento ou de forma integrada; 2. A duas modalidades são a mesma metáfora, mas autônomas no que se refere ao sentido; e 3. A modalidade escrita e visual correspondem a diferentes metáforas, com distintos domínios-fonte. Quando ocorrerem casos como este último, onde a parte escrita e imagem consistem em metáforas distintas, com domínios-fonte de outra natureza, focaremos na metáfora que apresentar um maior grau de metaforicidade. Grosso modo, pode-se entender a metaforicidade como sendo “a possibilidade de uma metáfora ser reconhecida como tal - sejam quais forem os fatores que estariam por trás dessa possibilidade” (DIENSTBACH, 2017, p. 1769).

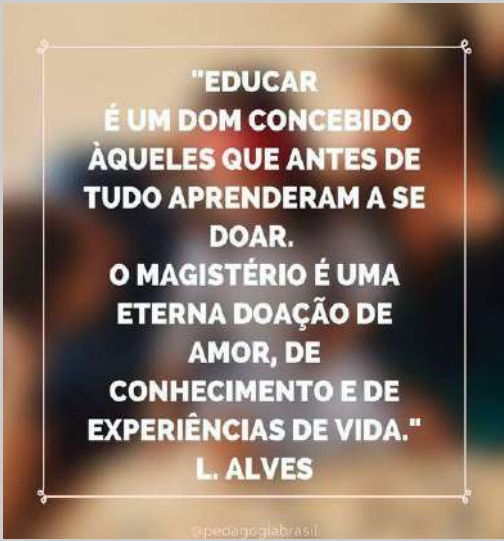
Quando não constituem o domínio-alvo e nem o domínio-fonte, na inferência do mapeamento metafórico (conforme apresentado no exemplo do Quadro 1), levou-se em consideração os principais elementos e aspectos da educação: o educando; o educador/professor; o conhecimento; a aprendizagem; a escola e a visão de educação de forma geral presente nas metáforas analisadas. No entanto, há metáforas educacionais que não oferecem subsídio para um mapeamento completo de todos esses componentes e sujeitos do

³ Link da página *Pedagogia Brasil* no Facebook: <https://www.facebook.com/PedagogiaBrasil>

processo educativo, sendo assim, a quantidade de elementos possíveis de serem mapeados varia de acordo com cada metáfora.

3.1 TRADICIONAIS


Quadro 2 - Metáfora da Doação

 <p>"EDUCAR É UM DOM CONCEBIDO ÀQUELES QUE ANTES DE TUDO APRENDERAM A SE DOAR. O MAGISTÉRIO É UMA ETERNA DOAÇÃO DE AMOR, DE CONHECIMENTO E DE EXPERIÊNCIAS DE VIDA." L. ALVES</p> <p>@pedagogiabrasil</p>	Metáfora: DOCÊNCIA É DOAÇÃO
	Domínio-fonte: Doação
	Domínio-alvo: Docência
	Mapeamento
	Receptor ou receptáculo da doação → Educando
	Doador → Educador
	Algo a ser doado → Conhecimento
	Processo de doação → Educação

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria


Quadro 3 - Metáfora do Presente

 <p>UM DOS MAIORES PRESENTES QUE O PROFESSOR PODE DÁ PARA SEUS ALUNOS É O CONHECIMENTO. E O CONHECIMENTO NINGUÉM PODE ROUBAR.</p> <p>@pedagogiabrasil</p>	Metáfora: CONHECIMENTO É OBJETO
	Domínio-fonte: Objeto/presente
	Domínio-alvo: Conhecimento
	Mapeamento
	Presenteado → Educando
	Presenteador → Educador
	Presentear → Educação

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

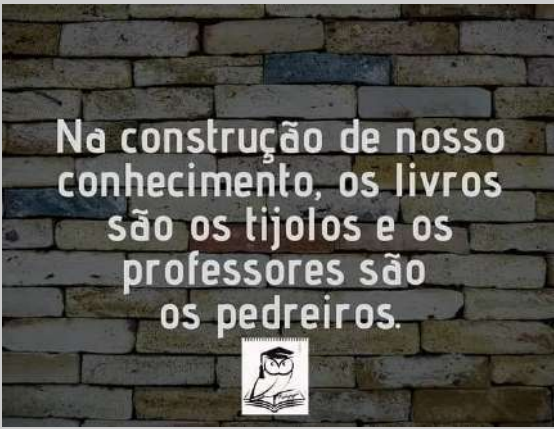
Quadro 4 - Metáfora do Herói

	Metáfora: EDUCADOR É HERÓI
	Domínio-fonte: Herói
	Domínio-alvo: Professor
	Mapeamento
	Alguém a ser salvo → Educando
	Arma do herói → Conhecimento
	Processo de salvamento → Educação

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria


Quadro 5 - Metáfora da Construção

	Metáfora: CONHECIMENTO É CONSTRUÇÃO
	Domínio-fonte: Alvenaria
	Domínio-alvo: Conhecimento
	Mapeamento
	Pedreiro → Educador
	Tijolos → Livros
	Terreno/obra → Educando

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 6 - Metáfora da Construção e do Conserto

	Metáfora: EDUCAÇÃO É CONSTRUÇÃO
	Domínio-fonte: Construção
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Construtor → Educador
	Algo a ser construção → Educando
	Peças → Conhecimento
Ferramenta → Ferramenta docente	

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 7 - Metáfora da Semente

	Metáfora: EDUCANDO É PLANTA/FLOR
	Domínio-fonte: Planta/Flor
	Domínio-alvo: Educando
	Mapeamento
	Jardineiro → Educador
	Planta/flor → Educando
	Água → Conhecimento

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Em nossa análise, consideramos que o conjunto de metáforas exposto acima (Quadros 2, 3, 4, 5, 6 e 7) traz elementos que correspondem à tendência pedagógica Liberal, especificamente, à concepção Tradicional de educação. Para tentar justificar a classificação dessas metáforas dentro da tendência Liberal Tradicional, é necessário citar algumas das premissas gerais dessa concepção de educação. Antes disso, vale registrar que a tendência Tradicional é multifacetada, uma vez que sofreu diversas transformações ao longo de seus quatro ou cinco séculos de existência, adaptando-se às exigências históricas (ARANHA, 1996). Por este motivo, como já mencionado, destacaremos apenas alguns de seus pressupostos gerais que compreendemos estarem presentes nas metáforas educacionais desta seção, a saber: 1. A compreensão da docência enquanto sacerdócio (em especial na visão tradicional religiosa); 2. O foco na transmissão do conhecimento; 3. O educador no centro do processo educativo; e 4. A preparação do educando para assumir uma posição específica dentro da sociedade (Libâneo, 2014).

A metáfora do Quadro 2, intitulada de Metáfora da Doação, se alinha à tendência pedagógica Tradicional na medida em que coloca a prática de educar como um dom que é concebido ao educador, que se dedica em doar amor, conhecimentos e experiência de vida aos educandos. Dentro da perspectiva Tradicional de raízes religiosas, a docência adquire um caráter de sacerdócio, com uma missão quase divina. Um dos problemas desse tipo de visão, de acordo com Aranha (1996), é que expressões de reverência, como “o magistério é um sacerdócio” consistem em uma descaracterização da docência enquanto uma profissão, que,

portanto, não precisaria de remuneração digna e nem de uma formação em nível superior. A metáfora do Quadro 3 (Metáfora do Presente), onde o educador é entendido como aquele que presenteia e o educando como aquele que recebe o presente, parece também estar na mesma linha de raciocínio da metáfora do Quadro 2, uma vez que dá a entender que, ao presentear o educando, o docente está fazendo uma “boa ação”, assim como se espera de alguém que exerce um sacerdócio.

A metáfora do Quadro 4 (Metáfora do Herói) se aproxima do sentido da missão, da doação e do sacerdócio. Porém, ao fazer uma associação direta do educador com um herói, remete fortemente à premissa de uma educação escolar que tem como propósito e dever salvar o educando, ou seja, a escola se torna uma instituição redentora e o caracteriza o professor como salvador. A esse respeito, Luckesi (1994), em um esforço de compreender quais sentidos e valores a educação assume na e para a sociedade, coloca que a educação pode ser pensada em três direções: de redenção, de reprodução ou de transformação. A maneira de conceber a educação de forma redentora, com a qual a metáfora do educador herói do Quadro 4 parece estar em correspondência, entende que, em vez da escola estar propícia em sofrer as interferências da sociedade, “é ela que interfere, quase que de forma absoluta, nos destinos do todo social, curando-o de suas mazelas” (LUCKESI, 1994, p. 38). Essa compreensão de educação pode ser considerada ingênua, pois desconsidera que a escola é atravessada por diversos fatores e questões sociais que escapam de seu controle.

Quando colocamos as metáforas do Quadro 2 e 3 lado a lado (Metáfora da Doação e do Presente), observando seus sentidos, conseguimos depreender que nessas duas metáforas o conhecimento é tratado como um objeto ou substância a ser dado ou passado ao educando. Nesse sentido, para Almeida (2005, p. 7), essa compreensão de conhecimento como objeto “embasa a visão tradicional de ensino-aprendizagem, que vê no aprendiz um receptáculo passivo dos chamados conteúdos programáticos”. Este autor ainda chama a atenção para o termo “conteúdos”, dizendo que ele consiste em mais um índice desta metáfora. Desse modo, na visão Tradicional de educação, o conhecimento é algo que existe fora de nós, mas que poderia ser adquirido, passando a nos preencher e pertencer (ALMEIDA, 2005). Corroborando esta análise sobre a educação tradicional, Aranha (1996) enuncia que, nesse modo de conceber o processo de ensino-aprendizagem, o conhecimento é externo ao educando, que deve adquiri-lo por meio da transmissão, sem a exigência de maiores elaborações pessoais. Na esteira dessas problematizações, podemos citar Paulo Freire, que, no conjunto de sua obra, tece uma forte crítica à concepção Tradicional de educação, fazendo

ponderações sobre o que ele chamou de educação bancária. Nas palavras de Almeida (2005, p. 8):

Sem alterar qualquer dos pressupostos embutidos na metáfora do conhecimento transmitido, Freire acrescentou, ou explicitou, seu caráter pejorativo ao denominá-la “educação bancária”, sugerindo que o professor faria “depósitos” de conhecimento nas mentes dos alunos. Embora possamos dizer que Freire tenha criado uma nova metáfora (a partir de uma já existente: o banco como receptáculo), seu objetivo era apenas criticar as práticas associadas à educação tradicional.

No Quadro 5 (Metáfora da Alvenaria), apesar do conhecimento ser entendido como construção, visão mais alinhada às tendências Liberais Renovadas e as Progressistas, que serão abordadas mais adiante neste estudo, traz-se explicitamente uma das principais características da concepção pedagógica Tradicional, a centralidade do educador, e não do educando, no processo educativo. Embora as metáforas dos Quadros 2, 3 e 4 também se aproximem do sentido do professor como foco da ação pedagógica, nos Quadros 5 e 6 (Metáfora da Construção e do Conserto), isso se destaca ainda mais, posto que o educador é colocado como o “pedreiro na construção dos conhecimentos dos educandos” e como aquele que, no processo educativo, se empenha na “construção e conserto do educando”. Portanto, fica evidente, nessas últimas metáforas, que o educador possui uma maior agência no processo educativo do que o próprio educando. A esse respeito, Aranha (1996) afirma que a educação tradicional é magistrocêntrica, ou seja, ela é centrada no professor e na transmissão dos conhecimentos. Na perspectiva Tradicional, o educador detém o saber e a autoridade, e dirige o processo de aprendizagem, apresenta-se, ainda, como um modelo a ser seguido pelo educando.


Outra problemática da metáfora do Quadro 6, onde é dito que os sujeitos podem quebrar, é a presença de um ideal de pessoa que deve “funcionar corretamente”. Por sua vez, a metáfora do Quadro 7 (Metáfora da Semente), ao dizer que “todas as flores do futuro estão nas sementes de hoje”, pode nos remeter a um grau de determinismo, visto que toda flor (aqui associada ao educando) só pode ser aquilo que ela nasceu para ser. Assim, em nossas reflexões, essas duas metáforas remetem a uma forma de pensar a educação, no primeiro caso, como um processo de adaptação do educando à sociedade; e, no segundo caso, como um processo que envolve um elemento de predestinação que limita o que o educando pode vir a ser. Esses dois sentidos, adaptação e determinismo, possíveis de serem depreendidos concomitantemente da Metáfora do Conserto e da Metáfora da Semente, estão relacionados com a compreensão do papel da escola para a tendência pedagógica Tradicional, que consiste na preparação intelectual e moral do educando com vistas a que ele assuma uma posição

específica dentro da sociedade. E, mais amplamente, se alinham à visão Liberal de educação, que defende a ideia de que a escola tem como função preparar os indivíduos para desempenhar certos papéis sociais, conforme suas aptidões individuais (LIBÂNEO, 2014).

A título de finalização desta seção, vale dizer que a tendência pedagógica classificada como Liberal Tradicional ainda é muito presente na cultura escolar do Brasil, sendo, inclusive, segundo Libâneo (2014), a pedagogia que mais se aproxima do modelo de escola predominante na história educacional brasileira.

3.2 RENOVAS PROGRESSIVISTAS


Quadro 8 - Metáfora do Cultivo A

	Metáfora: EDUCAÇÃO É CULTIVO
	Domínio-fonte: Cultivo de planta/flor
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Jardineiro → Educador
	Planta/flor → Educando
	Água → Conhecimento

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria


Quadro 9 - Metáfora do Cultivo B

	Metáfora: EDUCAÇÃO É CULTIVO
	Domínio-fonte: Cultivo de planta/árvore
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Agricultor → Educador
	Planta/árvore → Educando
	Terra/solo → Escola

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria


Quadro 10 - Metáfora do Cultivo C

	Metáfora: EDUCAÇÃO É CULTIVO
	Domínio-fonte: Cultivo de planta/flor
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Jardineiro → Educador
	Planta/flor → Educando
	Água → Conhecimento

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 11 - Metáfora do Cultivo D

	Metáfora: EDUCAÇÃO É CULTIVO
	Domínio-fonte: Cultivo de planta/flor
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Jardineiro → Educador
	Planta/flor → Educando
	Água → Conhecimento

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 12 - Metáfora do Co-construtor

<p>Eu não sou arquiteto para construir prédios, mas ajudo a construir sonhos e valores. Eu sou professor.</p>	Metáfora: EDUCADOR É CONSTRUTOR
	Domínio-fonte: Construção
	Domínio-alvo: Professor
	Mapeamento
	Processo de construção → Educação
	Objeto a ser construído → Conhecimento

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 13 - Metáfora da Música

	Metáfora: EDUCANDO É MÚSICA
	Domínio-fonte: Música
	Domínio-alvo: Educando
	Mapeamento
	Professor de música → Educador
Conservatório musical → Escola	

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 14 - Metáfora do Plugue

	Metáfora: EDUCAÇÃO É ENCAIXE
	Domínio-fonte: Encaixe
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Plugue padrão → Educador
Plugue divergente → Educando	

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Classificamos as metáforas do Quadro 8 ao 14 como sendo metáforas correspondentes à tendência pedagógica Liberal Renovada Progressivista. Do mesmo modo como feito na subseção anterior com as metáforas alinhadas à concepção Liberal Tradicional, destacaremos algumas características gerais da abordagem Progressivista que identificamos nas metáforas das figuras indicadas acima: 1) O educando no centro do processo educativo; 2) A consideração das características individuais, como as necessidades, interesses e ritmo de aprendizagem e desenvolvimento de cada educando; e 3) O conhecimento como construção realizada a partir da interação do educando com o meio tanto social quanto material.

Antes de discorrermos sobre as metáforas entendidas como Progressivistas, é importante sublinhar que a abordagem Progressivista de educação tem seus pressupostos

baseados nas teorias e estudos que se dedicam a entender como ocorrem o desenvolvimento e a aprendizagem dos sujeitos, considerando que os processos formativos se dão na dinâmica da interação entre o sujeito e o meio, logo, poderíamos entendê-la como uma das abordagens pedagógicas interacionistas. No entanto, se faz necessário frisar que essa característica não se restringe a essa tendência, já que outras concepções, como a Liberal Renovada Não-diretiva e as Progressistas, também fazem uso de conhecimentos advindos do campo de estudo que tem como objeto o desenvolvimento e a aprendizagem do ser humano.

As Metáforas do Cultivo (Quadro 8, 9, 10 e 11) são as que apareceram com mais frequência em nossa busca nas Páginas de Pedagogia no Facebook. Ainda que a expressão “jardim de infância”, comumente utilizada para se referir às escolas de educação infantil, possa ser utilizada dentro de outras tendência, inclusive historicamente anteriores à concepção de educação Progressivista, como na Tradicional, nossa hipótese é que isso ocorra pelo fato das ideias da tendência Progressivista serem, nas últimas décadas, amplamente difundidas nos cursos de licenciatura, fazendo com que muitos educadores tenham, em sua formação, forte influência da perspectiva Progressivista (LIBÂNEO, 2014). Independente da explicação, o uso frequente das Metáforas do Cultivo para se referir à educação das crianças indica uma popularização da compreensão do processo educativo que coloca o educador como jardineiro empenhado em cultivar o educando com os cuidados que faria com uma planta.

Dessa modo, apesar das nuances que possam diferenciar essas quatro Metáforas do Cultivo, sobretudo por conta do seu conteúdo verbal, todas elas compartilham duas ideias centrais que compreendemos estarem em correspondência com a tendência pedagógica Progressista destacadas anteriormente: a de que a educação, tal qual o cultivo de uma planta, requer cuidados que considerem as disposições e características específicas de cada educando; e, assim como o jardineiro tem como foco de seu ofício as plantas, as flores ou as árvores, o cerne de todo o processo educativo está no educando. Segundo Aranha (1996, p. 167),

Na escola renovada o aluno é o centro do processo, existindo uma preocupação muito grande com a natureza psicológica da criança. Como a escolha dos conteúdos gira em torno dos interesses infantis, o professor se esforça por despertar a atenção e a curiosidade da criança, sem lhe cercear a espontaneidade.

Assim, neste modo de compreender a educação que as Metáforas do Cultivo trazem, e que se alinham ao pensamento Progressivista, cabe aos educadores dedicarem-se em oferecer as condições que favoreçam o desenvolvimento natural de cada criança. Sendo assim, semelhante ao crescimento de uma planta ou árvore que, dependendo do nutriente do solo, da

rega, da poda e da incidência de sol, se desenvolverá de um modo ou de outro, o desenvolvimento e as aprendizagens do educando implicam um cuidado dos educadores em dosar e balancear os elementos, condições e fatores necessários ao desenvolvimento do potencial de cada educando. Ou seja, o educando possui em si a predisposição para crescer, aprender e se desenvolver, portanto, basta criar condições para que tais transformações ocorram da melhor forma possível.

A metáfora do Quadro 15 (Metáfora do Co-construtor), quando coloca que o educador ajuda ou colabora na “construção” que o educando faz no processo educativo, também evidencia o aspecto da centralidade do educando no processo educativo. Dessa maneira, a compreensão de que professor constrói conjuntamente com educando “sonhos e valores” e, por extensão, o conhecimento, em um movimento de co-construção, se diferencia substancialmente da perspectiva de conhecimento doado ou passado aos educandos, como vimos que ocorre na tendência Tradicional. Neste sentido, para a concepção pedagógica Progressivista, o professor não tem lugar privilegiado, mas deve sim auxiliar o desenvolvimento do educando, em uma dinâmica de intervenção que ocorra para dar forma ao raciocínio do educando (LIBÂNEO, 2014).

Tanto a metáfora do Quadro 13 (Metáfora da Música) como a metáfora do Quadro 14 (Metáfora do Plugue) trazem também a questão do respeito à idiosincrasia do educando, aspecto característico da concepção Progressivista. Porém, cada uma apresenta isso de forma distinta. A primeira, intitulada de Metáfora da Música, traz essa ideia apenas de forma verbal, dizendo que se deve respeitar “os ritmos de aprendizagem”, em um recurso que associa o educando à música, que possui seu próprio ritmo; e em seguida reforçando que “cada criança aprende de forma distinta”. Já a segunda, denominada de Metáfora do Plugue, faz uma crítica por meio verbal e imagético, mostrando uma prática educativa que envolve uma tentativa de adequar, forçadamente, o educando a uma maneira que diverge de suas próprias características. Acerca dessa questão do cuidado e respeito às particularidades dos educandos, Aranha (1996, p. 168) aponta que, nas tendências Liberais Renovadas, de um modo geral, o que inclui a Progressivista e a Não-diretiva, “programas e horários tornam-se maleáveis, a fim de atender os ritmos individuais”.

Entretanto, uma das críticas possíveis de serem feitas à tendência pedagógica Progressivista, é a de que, embora o objetivo principal da educação seja prover as experiências que possibilitem ao educando educar-se, em um processo ativo de construção e reconstrução de si e dos objetos de conhecimento (LIBÂNEO, 2014), o que significa um

grande avanço em relação à tendência Tradicional, ela ainda encara o processo educativo como uma adequação do educando às necessidades sociais. Neste sentido, diferente das concepções Progressistas, que têm fortes inspirações socialistas, como veremos mais adiante, a Progressivista não coloca em questão a sociedade como tal em nenhum momento (ARANHA, 1996), não se preocupando com a transformação da sociedade em direção à diminuição das desigualdades. Inclusive, apesar de ser importante reconhecer o legado de John Dewey, o precursor das pedagogias Liberais Renovadas como um todo, de acordo com Aranha (1996, p. 170), “a escola nova estava convencida de que a verdadeira democracia seria instaurada pela “escola redentora”, na qual todos poderiam garantir “um lugar ao sol” a partir de seu talento e esforço. Ainda prossegue a autora:

Segundo Dewey, o desenvolvimento tecnológico e a vida democrática tinham na escola um instrumento ideal, por meio do qual os benefícios da educação seriam estendidos a todos, indistintamente. A escola teria a função democratizadora de equalizar as oportunidades. Eis aí, segundo alguns teóricos, o chamado “otimismo pedagógico” ou, ainda, a “ilusão liberal” da escola nova. (ARANHA, 1996, p. 170)

Antes de encerrarmos esta subseção, é importante dizer que, a despeito da ampla presença da concepção Progressivista nos cursos de formação de professores, como dito anteriormente, há uma grande dificuldade de sua implementação na prática docente no dia a dia na escola. Isso ocorre, de acordo com Libâneo (2014), não somente por conta da falta de condições objetivas para sua efetivação, como recursos e infraestrutura, mas também porque essa tendência se choca com a prática de cunho Tradicional, que se estabeleceu como hegemônica no contexto educacional brasileiro, como dissemos no final da subseção anterior.

3.3 RENOVADAS NÃO-DIRETIVAS


Quadro 15 - Metáfora do Adubo

	Metáfora: CONHECIMENTO É ADUBO
	Domínio-fonte: Adubo/Nutriente
	Domínio-alvo: Conhecimento
	Mapeamento
	Vegetal → Educando
	Nutriente → Livro/Conhecimento
Cultivo → Educação	

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria


Quadro 16 - Metáfora do Cérebro Árvore

	Metáfora: CÉREBRO É ÁRVORE
	Domínio-fonte: Árvore
	Domínio-alvo: Cérebro
	Mapeamento
	Água → Conhecimento
Cultivo → Educação	

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 17 - Metáfora da Palavra Abraço

	Metáfora: A PALAVRA É UM ABRAÇO
	Domínio-fonte: Abraço
	Domínio-alvo: Palavra
	Mapeamento
	Aquele que é abraçado → Educando
Aquele que oferece abraço → Educador	
Gesto de afeto → Educação	

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

A tendência pedagógica Liberal Renovada Não-diretiva, dentro da qual classificamos as metáforas dos Quadros 15, 16 e 17, tem algumas aproximações com a tendência Progressivista, abordada na seção anterior. Dentre estas aproximações, podemos citar a centralidade do educando no processo educativo; a forte consideração de suas características individuais; e a compreensão de que o desenvolvimento e as aprendizagens dos educandos ocorrem a partir de sua interação com o meio. Se elas possuem alguns aspectos em comum, o que diferencia uma tendência da outra? A diferença fundamental está no fato de que, na tendência Progressivista, a intervenção do educador é mais presente e marcante, enquanto que na Não-diretiva a ação do educador junto ao educando deve ser a mínima possível, uma vez

que a espontaneidade e a autonomia do educando consistem nos principais eixos de seus pressupostos pedagógicos. A esse respeito, Libâneo (2014, p. 29) coloca que, na pedagogia Não-diretiva, “ausentar-se é a melhor forma de respeito e aceitação plena do aluno”, pois, “toda intervenção é ameaçadora, inibidora da aprendizagem”.

Seguindo essa lógica da não-diretividade, a metáfora do Quadro 15 (Metáfora do Adubo), ao mostrar o fruto se deparando com o livro (lembrando que o objeto livro comumente é usado como metonímia do conhecimento) e lendo-o sem ajuda ou intermediação de outra figura e, ao fazer isso, conseguindo desenvolver galhos e folhas, traz um forte sentido de auto-educação. O mesmo ocorre na metáfora do Quadro 16 (Metáfora do Cérebro Árvore), que, ao colocar a frase imperativa “nunca pare de regar a sua árvore” junto à imagem de alguém regando um cérebro, sugere essa ideia de educação como um processo autônomo realizado pelo educando. Nesta perspectiva, apontando o psicólogo americano Carl Rogers como um dos principais representantes da concepção Não-diretiva, Libâneo (2014, p. 29) afirma que:

Rogers considera que o ensino é uma atividade excessivamente valorizada; para ele os procedimentos didáticos, a competência na matéria, as aulas, livros, tudo tem muito pouca importância, face ao propósito de favorecer à pessoa um clima de autodesenvolvimento e realização pessoal, o que implica estar bem consigo próprio e com seus semelhantes.


Portanto, na abordagem Não-diretiva, os métodos mais usuais são dispensados, e o papel do educador consiste em se esforçar em criar um estilo próprio, de modo a se tornar um facilitador da aprendizagem. Sendo assim, uma das características desse tipo de educador é estar aberto para a aceitação da pessoa do educando; dispor da capacidade de ser confiável; ser receptivo e ter convicção na capacidade de o educando se autodesenvolver. Dessa maneira, a função do educador resume-se em ajudar o aluno a se organizar, e para isso lança mão de técnicas de sensibilização, de modo a criar um ambiente no qual os sentimentos de cada um possam ser expostos em segurança (LIBÂNEO, 2014). Tendo em vista essas características postuladas pela tendência Não-diretiva quanto ao educador, a metáfora do Quadro 17 (Metáfora da Palavra Abraço), quando coloca que “a palavra do professor é como um abraço”, o que denota uma afetividade direcionada ao educando, parece estar em correspondência com essa perspectiva de educação. Em resumo, o objetivo da educação escolar, na visão Não-diretiva, é melhorar o relacionamento interpessoal entre os sujeitos, condição compreendida como requisito para o crescimento pessoal do educando.

Com essas características e premissas pedagógicas da concepção Liberal Renovada Não-diretiva em perspectiva, compreendemos que ela está propícia a sofrer as mesmas críticas

que a tendência Progressivista. Isso porque, salvaguardando algumas iniciativas que tentam inserir, dentro de seus pressupostos pedagógicos, algumas questões referentes à democracia e a convivência coletiva, a visão Não-diretiva coloca o indivíduo como centro absoluto de todo o seu processo educativo, não se preocupando com as questões sociais mais abrangentes.

3.4 TECNICISTAS


Quadro 18 - Metáfora do Investimento

	Metáfora: EDUCAÇÃO É INVESTIMENTO FINANCEIRO OU ATIVO ECONÔMICO
	Domínio-fonte: Investimento financeiro
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Operador financeiro → Educador
	Aquele que vai dar retorno financeiro → Educando
	Recurso a ser investido e dar retorno → Conhecimento

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 19 - Metáfora da Suplementação Alimentar

	Metáfora: EDUCAÇÃO É SUPLEMENTAÇÃO ALIMENTAR
	Domínio-fonte: Suplementação alimentar
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Aquele que faz uso do suplemento → Educando
	Vitaminas/nutrientes → Conhecimento

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Assim que nos deparamos com as metáforas do Quadro 18 (Metáfora do Investimento) e do Quadro 19 (Metáfora da Suplementação Alimentar), as compreendemos como representantes de um pensamento educacional consonante à tendência pedagógica Tecnicista. Essa classificação se justifica em virtude de um dos principais objetivos da pedagogia Tecnicista: estabelecer uma racionalidade dos processos educacionais, utilizando-se o

conhecimento científico de diversas áreas, que consiga ser eficiente e efetivo em prol do sistema de produção capitalista, mais especificamente, formar mão de obra para o mercado de trabalho a fim de obter retorno econômico. Neste sentido, conforme expressa Aranha (1996, p. 175),

No século XX, a escola tradicional tem sofrido inúmeras críticas, cujos enfoques são os mais diversos. A partir da década de 60 surgem propostas de inspiração tecnicista, baseadas na convicção de que a escola só se tornaria eficaz se adotasse o modelo empresarial. Isso significa aplicar na escola o modelo de racionalização típico do sistema de produção capitalista.

A metáfora do Quadro 18, ao dizer que “A educação nunca foi despesa, sempre foi um investimento com retorno garantido”, deixa evidente que compreende a educação como um investimento financeiro, ou um ativo econômico, que visa garantir um retorno especificamente monetário, pois, além de usar termos oriundos da economia e da esfera empresarial, traz também a imagem de uma cédula de dinheiro como fundo. A metáfora do Quadro 19, por sua vez, quando utiliza as expressões “sucesso” e “crescer rápido” como propósito do “estudo”, metaforizado como um tônico ou suplemento vitamínico a ser ingerido, denota estar em conformidade com os preceitos capitalistas contemporâneos, como meritocracia e empreendedorismo, que seguem uma lógica na qual basta o indivíduo querer e se esforçar para alcançar o que deseja. No que tange aos sentidos trazidos por essas suas metáforas, nas quais a educação é vislumbrada unicamente a partir da lógica econômica e financeira, Libâneo (2014, p. 30) destaca que, na concepção Tecnicista, “a escola atua (...) no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo”.

Dessa maneira, para realizar o intento de atender à economia e ao mercado de trabalho, a abordagem Tecnicista de educação emprega tecnologias comportamentais, muitas oriundas do behaviorismo, visto que se objetiva modelar o comportamento. São utilizadas, também, as tecnologias educacionais variadas, como manuais e livros didáticos, recursos de mídias e laboratórios. Todo o trabalho pedagógico deve seguir a seleção criteriosa de conteúdos sistematizados e ordenados em uma sequência lógica e de complexidade gradual, sendo que tais conteúdos são estabelecidos por especialistas externos à escola. Além disso, os objetivos pedagógicos, também estabelecidos por especialistas, são criteriosos e sofrem periódicas avaliações, com o intuito de verificar se estão sendo cumpridos. Referente a essas características do Tecnicismo, Aranha (1996, p. 175) afirma que

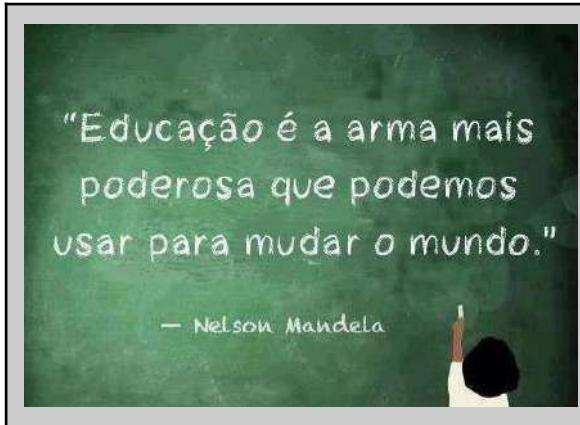
O método usado para a transmissão dos conhecimentos é o taylorista, que supõe a divisão de tarefas entre os diversos técnicos de ensino que estão incumbidos do planejamento racional do trabalho educacional, cabendo ao professor a execução em sala de aula daquilo que foi planejado fora dela.

Assim, nessa compreensão de educação, a relação entre educador e educando deve ser objetiva e impessoal, tendo ambos papéis rígidos e bem estabelecidos, em uma dinâmica de comunicação que deve ser exclusivamente técnica, não havendo espaço para as relações afetivas. Por consequência, as discussões, debates e questionamentos não são necessários, uma vez que o educador e o educando são somente espectadores de uma suposta verdade objetiva (Libâneo, 2014). Em síntese, todo trabalho pedagógico é voltado para controlar as variáveis ambientais e comportamentais para assegurar a transmissão e a recepção de informações.

Não apenas as tendências pedagógicas Progressistas, mas sobretudo elas, fazem diversas e incisivas críticas à abordagem Tecnicista, chamando a atenção para a ausência da problematização e preocupação a respeito das questões sociais mais amplas de diferentes ordens, sobretudo, acerca das questões sócio-econômicas. Outra crítica possível de ser feita é que, “por mais que a ciência e a tecnologia possam auxiliar o trabalho do pedagogo, isso não significa que a educação resulte apenas de uma técnica bem aplicada (...)” (ARANHA, 1996, p. 176).

3.5 PROGRESSISTAS


Quadro 20 - Metáfora da Arma

	Metáfora: EDUCAÇÃO É ARMA
	Domínio-fonte: Arma
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Combatente → Educando
	Combatente → Educador
	Ferramentas de combate → Conhecimento

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

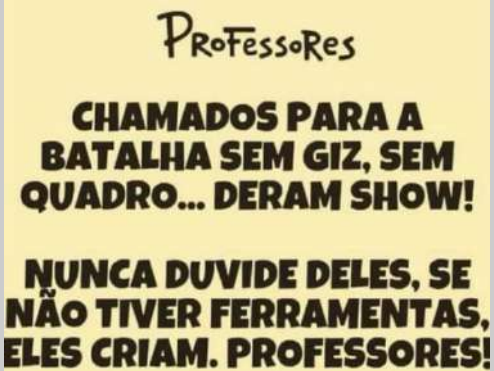
Quadro 21 - Metáfora da Barricada

	Metáfora: CONHECIMENTO É OBJETO DEFENSIVO
	Domínio-fonte: Barricada
	Domínio-alvo: Conhecimento
	Mapeamento
	Construtor de barricada → Educando
	Construção de barricada → Educação

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria


Quadro 22 - Metáfora da Batalha ou das Ferramentas

	Metáfora: EDUCAÇÃO É BATALHA OU FERRAMENTA
	Domínio-fonte: Batalha ou Ferramenta
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Guerreiro → Educador
	Arma → Conhecimento docente

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 23 - Metáfora do Mundo Texto

	Metáfora: MUNDO É TEXTO
	Domínio-fonte: Texto
	Domínio-alvo: Mundo
	Mapeamento
	Leitor → Educando
	Alfabetização → Educação
Alfabetizador → Educador	

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Apesar das diferenças existentes entre as tendências pedagógicas Progressistas (Libertadora, Libertária e Crítico-social dos Conteúdos), tendências sobre as quais

discorreremos brevemente no Capítulo 2 deste trabalho, no que se refere ao papel da escola, elas compartilham uma premissa fundamental: a educação tem um potencial de contribuir, em alguma medida e com limitações, na transformação da sociedade em direção à diminuição das desigualdades e das injustiças sociais produzidas pelo sistema capitalista. Por conseguinte, as concepções Progressistas explicitam a aproximação entre educação e política, empenhando-se em construir coletivamente uma educação crítica à realidade social. Realidade que se engendrou, segundo a visão Progressista de mundo, sobretudo, na dinâmica da luta entre classes sociais, especificamente, entre os trabalhadores e as burguesias. Tendo em perspectiva essa principal característica fundamental em comum às visões Progressistas de educação, dentre outras que iremos comentar, categorizamos as Metáforas dos Quadros 20, 21, 22 e 23 dentro do mesmo grupo.

A metáfora do Quadro 20 (Metáfora da Arma) traz a ideia da educação como arma que pode ser usada para mudar o mundo, o que deixa notório o seu alinhamento com a pedagogia Progressista. Essa classificação é reforçada, inclusive, pela atribuição dessa fala ao Nelson Mandela. Ainda que a autoria não tenha sido por nós averiguada, sabe-se que Mandela representa um marco de posicionamento em direção a uma educação para transformação. Do mesmo modo ocorre na metáfora do Quadro 21 (Metáfora da Barricada), que, ao colocar o livro (metonímia do conhecimento) e o ato de ler como um instrumento de construção de uma “barricada contra a estupidez”, também parece se aproximar da tendência Progressista. Posto isso, podemos inferir que o fato de a história da educação brasileira ser majoritariamente tradicional, como já mencionado anteriormente, é a razão de ambas as figuras trazerem elementos fortemente bélicos, uma vez que, por haver muita resistência da tendência Tradicional aos pressupostos Progressistas, os educadores encaram a educação como luta social.

Embora existam algumas abordagens Progressistas que possam ser mais otimistas e até ingênuas com relação à potencialidade da educação escolar de transformar a sociedade, assim como ocorre em outras tendências pedagógicas, as perspectivas Progressistas, de modo um geral, reconhecem os limites da educação frente às diversas forças atuantes dentro da sociedade, sejam eles de cunho econômico, político ou ideológico. Sobre essa questão, Aranha (1996, p. 213) pontua que “os teóricos progressistas recusam a postura idealista que vê a escola como solução dos problemas sociais, mas também se negam a cruzar os braços: é preciso lutar por uma escola mais crítica”. A autora coloca ainda que

Em termos muito simples, seria ensinando — e bem — a ler, escrever, calcular, falar e transmitindo conhecimentos básicos do mundo físico e social que a educação escolar poderia ser útil às camadas populares. Não como promotora da igualdade, já que a sociedade é estruturalmente desigual, nem como força revolucionária, já que isso vai além do seu movimento possível nessa sociedade. Mas como estratégia de melhoria de vida e pré-requisito para a organização política” (ARANHA, 1996 p. 213).

Embora a metáfora do Quadro 22 (Metáfora da Batalha ou das Ferramentas) também tenha um termo bélico, quando diz que os professores foram “chamados para a batalha”, o fator que fez com que a colocássemos dentro do grupo das metáforas Progressista é a frase contida na segunda parte da Figura, que coloca que “se não tiverem ferramentas, eles (os professores) criam”. Neste sentido, ao destacar que o educador tem a possibilidade de construir suas próprias ferramentas, seja no que se refere à metodologia ou em outro aspecto da prática pedagógica, isso pode ser entendido como o reconhecimento de uma autonomia docente, sobretudo frente a cenários de inúmeros desafios, como ocorre em contextos nos quais faltam o básico de estrutura para a prática pedagógica no cotidiano da escola. No caso dessa metáfora em especial, é preciso destacar que ela foi publicada dentro do contexto de Pandemia de Covid-19, o que nos permite pensar que a falta de giz e lousa seja por conta da necessidade de aulas e encontros remotos por um longo período. No que concerne à questão da possibilidade do educador ter espaço para construir o seu próprio modo de ser docente, na tendência pedagógica Progressista a autonomia de ação e pensamento é central; e isso diz respeito tanto aos educadores como aos educandos, visto que, se aprender é um ato de construção de conhecimentos críticos da realidade concretamente vivida (LIBÂNEO, 2014), a autonomia dos sujeitos da educação se faz indispensável nesse intento.

No Quadro 23 (Metáfora do Mundo Texto), menciona-se um dos pensamentos de Paulo Freire, que é considerado um dos mais importantes autores da tendência Progressista, especificamente, a tendência Libertária. Na visão de Paulo Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Por consequência, no processo de alfabetização, cabe ao educador empenhar-se para que o educando desenvolva a habilidade de compreender, refletir e analisar a realidade na qual está concretamente inserido. Muito mais do que decodificar mecanicamente um texto, a leitura crítica implica a percepção das relações existentes entre o texto e o contexto (FREIRE, 1992), de modo a considerar os fatores, dimensões e elementos dos quais o mundo humano é constituído, sejam eles de cunho econômico, ideológico, social ou político; para, então, agir de forma mais consciente em busca de mudanças na sociedade. Neste sentido, é preciso reconhecer que o ser humano

(...) está inserido em um contexto de relações sociais no qual a desigualdade é mantida, a tomada de consciência da opressão é importante justamente para orientar na direção de novas formas de ação pedagógica. Isso porque a escola se constitui como um elemento de continuidade, mas também de ruptura, na medida em que aí é possível problematizar a realidade e trabalhar as contradições sociais. (ARANHA, 1996, p. 211)

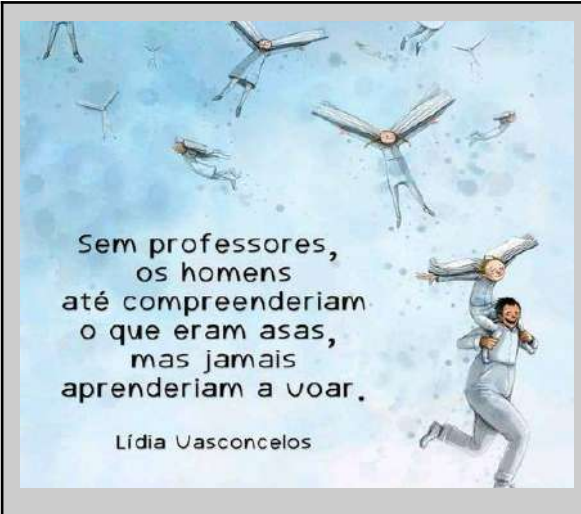
A despeito dos inúmeros entraves postos pelo predomínio das tendências Liberais no contexto educacional brasileiro à implementação dos pressupostos Progressista, muitos educadores se engajam em desenvolver uma prática pedagógica que, de algum modo, colabore no processo de tomada de consciência da realidade social pelos educandos, de maneira que eles próprios possam empenhar-se de forma coletiva na construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, mais justa e menos desigual.

3.6 AMBÍGUAS E NÃO IDENTIFICADAS

Nesta subseção, trataremos das metáforas que, em nossa compreensão, são ambíguas, pois podem ser classificadas em mais de uma tendência pedagógica; e também exporemos as metáforas que não conseguimos identificar, com um mínimo de clareza, em qual tendência elas podem ser categorizadas, mas que achamos importante estarem presentes neste trabalho. Nos referimos, aqui, às metáforas do Quadro 24 ao 31. Com o intuito de melhor organizar esta parte de nossa análise, agrupamos as metáforas consideradas ambíguas em uma subseção e as não identificadas em outra.

3.6.1 Metáforas Ambíguas

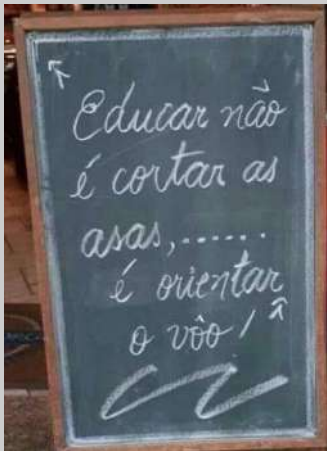
Quadro 24 - Metáfora do Voo A

 <p>Sem professores, os homens até compreenderiam o que eram asas, mas jamais aprenderiam a voar.</p> <p>Lídia Vasconcelos</p>	Metáfora: EDUCAÇÃO É INSTRUIR O VOO
	Domínio fonte: Instrução/ensino de voo
	Domínio alvo: Educação
	Mapeamento
	Pássaro/Avião → Educando
	Instrutor de voo → Educador
	Asas/Livros → Conhecimento

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria


Quadro 25 - Metáfora do Voo B

	Metáfora: EDUCAÇÃO É ORIENTAR O VOO
	Domínio-fonte: Voar
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Pássaro ou avião → Educando
	Instrutor de voo → Educador
	Orientações de voo → Conhecimento

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

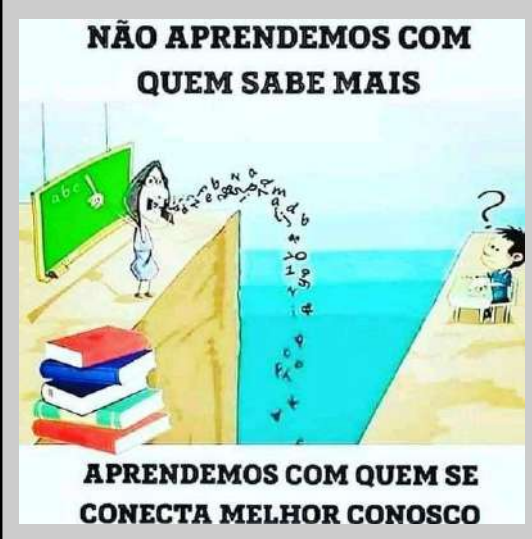
Quadro 26 - Metáfora do Voo C

	Metáfora: EDUCANDO É PÁSSARO
	Domínio-fonte: Pássaro
	Domínio-alvo: Educando
	Mapeamento
	Voar alto → Objetivo da educação escolar
	Instrutor de voo → Professor
	Voar → Educação proveniente dos pais

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 27 - Metáfora da Conexão ou da Desconexão

	Metáfora: EDUCAÇÃO É CONEXÃO
	Domínio-fonte: Conexão
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Aquele a se conectar ou se aproximar → Educador
Aquele a ser conectar ou aproximado → Educando	

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

As metáforas que entendemos como ambíguas são a dos Quadros 24, 25 e 26, que nomeamos de Metáforas do Voo (A, B e C), e a do Quadro 27, intitulada Metáfora da Conexão. Em nossa análise, essas metáforas podem ser colocadas tanto nas tendências pedagógicas Liberais Renovadas (Progressivista e Não-diretiva) quanto nas Progressistas. Isso porque elas possuem elementos que correspondem a ambos os grupos de concepções de educação, não trazendo outros componentes que nos possibilitasse atribuí-las, com um mínimo grau de convicção, a um grupo de tendências em específico.

As metáforas que se utilizam da ideia de “ensinar e aprender a voar” para se referir ao processo educativo podem nos remeter ao sentido de “voo” comumente relacionado à liberdade, autonomia e até mesmo a capacidade de ver em uma perspectiva mais ampla do mundo, como uma visão panorâmica. Neste sentido, aquele que ensina a voar, neste caso o educador, tem um papel de contribuir na construção e desenvolvimento da autodeterminação pelo educando. Dito de outro modo, a metáfora educacional relacionada ao voo remete a um educador que se empenha em ajudar o educando a aprender a ser livre ou, pelo menos, a tornar-se mais livre e autônomo. Dessa forma, compreendendo que o aspecto da autonomia, da liberdade e o do educando como o foco do processo educativo fazem parte, em diferentes graus, dos pressupostos de ambos os grupos de tendências pedagógicas, as Liberais Renovadas e as Progressistas, a ideia da educação como voo evoca estes mesmos aspectos. Portanto, isso nos permite estabelecer um nexos entre as metáforas dos Quadros 24, 25 e 26 e estes dois grupos de tendências. Todavia, é possível notar algumas nuances de cada uma

dessas metáforas relacionadas ao voo, como, por exemplo, na expressão “orientar o voo” no Quadro 25, que parece se distanciar de abordagens pedagógicas Não-diretivas, uma vez que, para as concepções que defendem uma não-diretividade, o educador deve intervir o menos possível no processo de aprendizagem e desenvolvimento do educando, e até ausentar-se, para que ele possa aprender e se desenvolver por si só.


Já no Quadro 27 (Metáfora da Conexão ou da Desconexão), utiliza-se uma metáfora verbal para confrontar a metáfora visual, colocando-as em oposição, fazendo-se, assim, uma crítica ao distanciamento entre educador e educando que determinados modos de fazer e pensar a educação podem gerar e, em decorrência dessa distância, acabar dificultando a aprendizagem e desenvolvimento dos educandos. Desse modo, nossa classificação da metáfora do Quadro 27 dentro tanto das concepções pedagógicas Progressistas quanto nas Liberais Renovadas se sustenta, justamente, nessa postura de ambas em problematizar a relação de distanciamento prejudicial entre educandos e educadores. Nessa perspectiva, com o propósito de caracterizar a relação entre os dois principais sujeitos da educação, Libâneo (2014, p. 36) afirma que, nas tendências Progressistas, em especial na Libertadora,

A relação entre educador e educando é horizontal, onde ambos se posicionam como sujeitos do conhecimento. A ideia é eliminar toda relação de autoridade, visto que a hierarquia gerada com o estabelecimento de autoridades coloca em risco o trabalho de conscientização. Pois esse processo de tomada de consciência depende da construção de um espaço no qual todos se sintam à vontade para se expressar e compartilhar suas próprias vivências e interpretações da realidade com a segurança de um ambiente acolhedor.

Acerca das tendências pedagógicas Renovadas, este mesmo autor pontua que, nessas abordagens, o educador consiste em um especialista em relações humanas, que se empenha em garantir um clima pessoal e autêntico, sendo que uma relação positiva entre educadores e educandos é um dos elementos fundamentais para garantir um ambiente harmonioso que favoreça a aprendizagem (LIBÂNEO, 2014).

3.6.2 Metáforas Não Identificadas


Quadro 28 - Metáfora do Combate

	Metáfora: DOCÊNCIA É COMBATE
	Domínio-fonte: Combate
	Domínio-alvo: Docência
	Mapeamento
	Aqueles a ser enfrentados → Educandos
	Combatente → Educador
	Armas a serem usadas → Conhecimento docente

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria


Quadro 29 - Metáfora do Tronco de Árvore

	Metáfora: EDUCADOR É TRONCO DE ÁRVORE
	Domínio-fonte: Árvore
	Domínio-alvo: Professor
	Mapeamento
	Ramos ou galhos de árvore → Educando
	Sustentação ou nutrição → Conhecimento
	Processo de crescimento → Educação

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 30 - Metáfora da Escada

	Metáfora: EDUCADOR É ESCADA
	Domínio-fonte: Escada
	Domínio-alvo: Professor
	Mapeamento
	Aquele que utiliza a escada → Educando
	Degraus → Conhecimentos
Subida → Educação	

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 31 - Metáfora do Caminho

	Metáfora: EDUCAÇÃO É CAMINHO
	Domínio-fonte: Deslocamento
	Domínio-alvo: Educação
	Mapeamento
	Percursor → Educando
	Caminho/percurso → Conhecimento/livro
Aprendizagem → Caminhar	

Fonte: Facebook (2020/2021)

Fonte: Elaboração Própria

Não conseguimos identificar, nas metáforas dos Quadros 28, 29, 30 e 31, elementos que nos possibilitem traçar correspondências com preceitos de uma ou outra tendência pedagógica. Admitimos que isso possa estar relacionado a nossas próprias limitações com relação ao conhecimento referente às tendências pedagógicas e também de um olhar mais apurado dos possíveis sentidos a serem apreendidos das metáforas, de modo que conseguíssemos atribuir à essas metáforas educacionais características oriundas de alguma

concepção de educação em específico. Dessa maneira, em nossa visão, essas metáforas nos parecem ser mais genéricas. Não obstante, achamos por bem incluí-las neste trabalho, até para que outros estudos possam se debruçar sobre elas no futuro, caso achem pertinente.

Entretanto, em todas essas metáforas não identificadas, notamos traços de uma visão de educação e de escola redentora. No caso da metáfora do Quadro 28 (Metáfora do Combate), o educador é colocado como aquele que exerce um dos ofícios mais difíceis que existem, arriscando até a própria vida em um empreendimento hercúleo, podendo, assim, realizar qualquer outra tarefa. Na metáfora do Quadro 29 (Metáfora do Tronco de Árvore), o educador é posto como o gerador e sustentador de todas as outras profissões. E na metáfora do Quadro 30 (Metáfora da Escada), os educadores seriam ferramentas sem as quais os educandos não conseguiriam alcançar seus sonhos e objetivos. Sendo assim, podemos deduzir que, nessas metáforas educacionais, os educadores se assemelham a figuras messiânicas, heroicas e salvadoras, que a tudo criam, sustentam, enfrentam e resistem, possuindo, então, atributos quase míticos, típicos da noção de educador dentro da compreensão de educação como a instituição responsável por redimir ou consertar a sociedade (LUCKESI, 1994).

Já a metáfora do Quadro 31 (Metáfora do Caminho), ao trazer o estudo, que pode ser entendido enquanto educação de modo mais amplo, como o único caminho possível de ser trilhado, acaba colocando na educação muito peso e responsabilidade. Neste sentido, mesmo não explicitando a direção a que “o caminho da educação pode levar”, essa metáfora ignora outros fatores e dificultadores do percurso de vida dos sujeitos que, em muitos casos, o impossibilitam inclusive não só de escolher o “caminho da educação” como também de nele permanecer. Tais dificultadores podem ser, por exemplo, de cunho social e econômico, que fogem do controle tanto do sujeito como da própria instituição escolar. Em vista disso, consideramos que a Metáfora do Caminho se aproxima da perspectiva de educação redentora, já abordada anteriormente, que também pode ser entendida como uma abordagem ingênua de escola. Inclusive, essa compreensão não se restringe a uma tendência pedagógica em particular, dado que a capacidade da educação de transformar a sociedade, dentro da visão da tendência progressista, ou de desenvolver a economia, dentro da visão da tendência tecnicista, pode ser superestimada.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, ao analisar as metáforas educacionais coletadas em páginas de Pedagogia no Facebook, verificamos que, para cada tendência pedagógica ou grupo de tendências, quando nos referimos às Progressistas, existem metáforas que se aproximam ou se alinham com alguns de seus pressupostos pedagógicos, sendo possível, portanto, traçar diversos paralelos, alguns mais explícitos, outros menos, entre metáforas educacionais e concepções de educação. Dessa forma, dentro do grupo das metáforas Liberais, foram identificadas 6 Tradicionais; 7 Progressivistas; 3 Não-diretivas; e 2 Tecnicistas, totalizando 18 metáforas. Já no grupo das exclusivamente Progressistas foram encontradas apenas 4 metáforas. No grupo das consideradas ambíguas, aquelas que podem ser classificadas dentro das Liberais Renovadas e das Progressistas, e no grupo das Não Identificadas, foram 4 metáforas em cada um deles, totalizando 8 metáforas nestes dois agrupamentos.

O fato de termos encontrado metáforas correspondentes a todas as tendências pedagógicas, não havendo tendência que não tenha pelo menos uma metáfora que a ela remeta em alguma medida, indica que existe uma pluralidade de ideias e perspectivas de educação que circulam na sociedade de modo geral, e, em particular, entre os sujeitos que se interessam pela pedagogia, que é o caso dos seguidores das páginas do Facebook pesquisadas, sobretudo, aqueles que curtem ou compartilham os conteúdo que são colocados nesses espaços.

Todavia, como podemos observar, as metáforas Liberais, especificamente, as Tradicionais e Progressivistas, apareceram com maior frequência. No caso das metáforas ligadas à tendência Tradicional, podemos deduzir que elas surjam de forma mais frequente por conta do fato do modelo tradicional de escola ser o predominante na história da educação brasileira, por isso seus preceitos ainda estão abundantemente presentes na sociedade. Já a respeito da maior frequência das metáforas Progressivista, inferimos que isso se deve à difusão, em larga escala, dos preceitos da concepção Progressivista de educação nos cursos de formação de professores nas últimas décadas. Estes achados corroboram a afirmação de Libâneo (2014, p. 33) de que, comumente, o exercício profissional dos educadores, no Brasil, assume “uma postura eclética em torno de princípios pedagógicos assentados nas pedagogias tradicional e renovada”.

Um importante adendo a respeito das metáforas colocadas no grupo das Não Identificadas é que elas apontam certa limitação do empreendimento de categorização de algumas metáforas, uma vez que não foi possível definir, com o mínimo de clareza, em qual

tendência de educação elas poderiam ser enquadradas. Atribuímos isso, em parte, à falta de elementos trazidos pelas próprias metáforas que nos permitissem traçar uma correspondência entre elas e as concepções de educação, tornando-as, ao nosso ver, mais genéricas. No entanto, reconhecemos que tais limitações também possam estar em nossa própria capacidade de perceber algumas nuances do material analisado e de nosso grau de conhecimento das abordagens pedagógicas.

Vale salientar que as análises aqui realizadas, incluindo os seus resultados referentes às correspondências identificadas entre as metáforas que dizem sobre a educação e as tendências pedagógicas, não pretendem ser definitivas. Pelo contrário, temos a noção de que outros olhares e abordagens poderiam chegar a interpretações e conclusões diferentes das que desenvolvemos e alcançamos.

Por fim, acreditamos que esse trabalho possa oferecer subsídios, servir como inspiração e ponto de partida para pesquisas futuras que se debruçarem sobre os vários assuntos aqui tratados, visto que a interseção entre diferentes temáticas, como as metáforas, as tendências pedagógicas e as redes sociais, mostrou-se complexa, extensa e frutífera.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. **A educação formal e as metáforas do conhecimento: em busca de transformações nas concepções e práticas pedagógicas.** Ciências & Cognição (UFRJ) , v. 6, p. 12-25, 2005. Disponível em:
<<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/546>> Acesso em: 17 de nov. de 2021.
- AMANTE, L. **Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação.** In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 27-46. Disponível em:
<<https://static.scielo.org/scielobooks/c3h5q/pdf/porto-9788578792831.pdf>>. Acesso em: 04 de out. de 2019.
- ANDRADE, A. D. **A Metáfora no Discurso das Ciências.** 1. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, v. 1, 2012.
- ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação.** 2. ed. São Paulo : Editora Moderna, 1996.
- ARAÚJO, A. Metáfora e educação. **O poder da metáfora hortícola no pensamento educacional de Célestin Freinet. Teoria da Educação.** Revista Interuniversitaria, Salamanca, v. 26, n. 2 (jul-dic), p. 69-91, dic. 2014. Disponível em:
<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/33804>>. Acesso em: 20 de out. de 2021.
- ARAÚJO, A.; ALMEIDA, R. **A linguagem da imaginação no pensamento da educação.** Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 10, n. 1, p. 11-33, jan./abr. 2017. Disponível em:
<<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/6958>> Acesso em: 19 nov. de 2021.
- DataReportal. **Digital 2022: Brasil.** Disponível em:
<<https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>>. Acesso em: 13 de abr. de 2022
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. Disponível em:
<https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf> Acesso em: 10 de mai. de 2022

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Chicago University Press, 1980. Edição brasileira: **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC, 2002. Disponível em: <https://www.academia.edu/35156132/Lakoff_e_Johnson_Metaforas_da_vida_cotidiana.pdf>. Acesso em: 28 de set. de 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 28. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LIMA, S. DE; SILVA, M. DA. **Metáforas Multimodais na Construção de Sentidos do Gênero Charge: Um Exercício de Análise**. Revista de Letras, V. 1, N. 33, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/1498>> Acessado em: 24 de nov. de 2021.

Luckesi, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. – São Paulo : Cortez, 1994. Disponível em: <http://www.biblioteca.sumare.edu.br/vinculos/PDF_OBRAS/3307_miolo.pdf> Acessado em: 02 de dez. de 2021.

MORATO, E. M.; FREITAS, N. L. “**A propósito da metáfora**” (1975), de Luiz Antônio Marcuschi: apontamentos para uma perspectiva sociocognitiva e interacional da **metaforicidade**. Revista Investigações. Recife, v. 30, n. 2, jul./dez. 2017, p. 130- 152. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/231275>>. Acesso em: 03 de nov. de 2021.

SPERANDIO, N.; ASSUNÇÃO, A. L. **Pensando a metáfora por um viés cognitivo e cultural**. Revista Revele. n.3. Agosto, p. 183-198, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revele/article/view/11262>>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

SAVIANI, Dermeval. **As Concepções pedagógicas na História da Educação Brasileira**. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. ; NASCIMENTO, M.I.M. (Org.). Navegando pela História da Educação Brasileira. Campinas SP : Graf. FE:HISTEDBR – UNICAMP, 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Dermeval_Saviani_artigo.pdf>. Acesso em: 23 de set. de 2019.

Silva, V. da; Catani, D. **Metáforas e comparações que ensinam a ensinar: a razão e a identidade da pedagogia nos manuais para professores (1873-1909)**. História da Educação, v. 23, 2019. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/heduc/a/JmNL8JCJJpfvXtsqDWTnBBM/?lang=pt>> Acesso em: 23 de nov. de 2021.

Recuero, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/259328435_Redex_Sociais_na_Internet>. Acesso em: 03 de set. de 2019.

VEREZA, S. C. **Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva**. Linguagem em (Dis)curso , v. 7, p. 487-506, 2007. Disponível em:
<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/374>. Acesso em: 22 de set. de 2019.

ANEXO A - TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS LIBERAIS

PEDAGOGIAS				
↓ EIXOS ↓	Tradicional	Renovada progressivista	Renovada não-diretiva	Tecnicista
1. Papel da escola	Preparação intelectual e moral para assumir um lugar social	Adequação das necessidades individuais ao meio social	Formação de atitudes baseada no autodesenvolvimento	Formatadora do comportamento por meio de técnicas comportamentais
2. Conteúdos	Conhecimentos e valores sociais acumulados pelas gerações anteriores entendidos como verdades incontestáveis	São definidos a partir da experiências que o sujeito vivencia frente a desafios cognitivos e situações problemas	Os conteúdos sistematizados são secundários. O foco está nos processos de desenvolvimento das relações e da comunicação	Informações técnicas, princípios científicos, leis e regras sistematizadas em uma sequência lógica e progressiva, determinadas por especialistas
3. Métodos	São baseados na exposição verbal do conteúdo ou na demonstração de modelos	Utiliza-se os experimentos, a descoberta, a pesquisa, a investigação do meio natural e social, em busca de resolver situações problema	Técnicas e métodos não- diretivos, levando-se em conta a espontaneidade do educando e focando na facilitação da aprendizagem	Procedimentos e técnicas que assegurem a transmissão e recepção de informações
4. Relação professor-aluno	Deve predominar a autoridade do professor e a atitude receptiva dos alunos	O professor não tem lugar privilegiado, seu papel é auxiliar o desenvolvimento livre e espontâneo do educando	Centrada no estudante, sendo o professor um especialista em relações humanas, que se empenha em garantir um clima de relacionamento pessoal e autêntico	As relações são objetivas e impessoais. Os papéis de professor e educando são bem definidos. O professor segue um sistema instrucional eficiente e efetivo
5. Pressupostos de aprendizagem	A transferência e retenção do conteúdo depende do treino e da memorização, sendo que a capacidade de assimilação da criança não se difere do adulto	Depende da estimulação da situação problema e das disposições internas e dos interesses do aluno, que aprende por meio da descoberta	Aprender é transformar e ampliar as suas próprias percepções	Aprender é modificar o desempenho
6. Manifestações na prática e/ou autores	A pedagogia que mais se aproxima do modelo escolar predominante na história educacional brasileira	- Método Montessori; Centros de interesse de Decroly; Método de projetos de Dewey	- Carl Rogers, principal referência da pedagogia não-diretiva - Alexander Sutherland Neill com a escola de Summerhill	No Brasil, a implantação das leis 5.540/68 e 5.692/71, dentro do regime militar, são considerados marcos alinhados a essa tendência

Fonte: Adaptado de Libâneo (2014)

ANEXO B - TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS PROGRESSISTAS

	PEDAGOGIAS		
↓ EIXOS ↓	Libertadora	Libertária	Crítico-social dos conteúdos
1. Papel da escola	Problematizar a realidade e incentivar a tomada de consciências para a transformação social	Transformação da personalidade no sentido da autonomia e autogestão	Compartilhamento e difusão dos conteúdos de modo crítico
2. Conteúdos	Temas geradores relacionados às vivências dos estudantes	Conhecimentos resultantes das experiências vividas pelo grupo, sobretudo as vivências de instrumentos de participação coletiva	Conhecimentos construídos pelas diversas áreas de conhecimento, que são defrontados com as realidades sociais
3. Métodos	Grupos de discussão	Baseado na autogestão e convívio em grupo	Baseia-se no processo de confrontar os conteúdos sistematizados com as experiências concreta dos estudantes
4. Relação professor-aluno	A relação entre educador e educando é horizontal, onde ambos se posicionam como sujeitos do conhecimento	A relação professor-aluno é não-diretiva, na qual o professor assume uma posição de conselheiro, instrutor ou monitor à disposição do grupo	A relação pedagógica é baseada na criação de condições que favoreçam a troca entre esses sujeitos, cujo objetivo é articular os conteúdos sistematizados com as realidades sociais
5. Pressupostos de aprendizagem	Aprender é um ato de construção de conhecimentos críticos da realidade concretamente vivida	A aprendizagem se dá sobretudo de maneira informal, através das vivências em grupo	Os conhecimentos novos se assentam em estruturas cognitivas já existentes, adotando-se os princípios da aprendizagem significativa
6. Manifestações na prática e/ou autores	A principal inspiração da pedagogia libertadora é o educador Paulo Freire	Abarca diversas tendências antiautoritárias. Autores: Lobrot; Vasquez; Oury; e Ferrer y Guardia	Envolve práticas articuladoras do político e do pedagógico. Autores: Makarenko; Chariot; Suchodolski; Manacorda; G. Snyders; e Saviani

Fonte: Adaptado de Libâneo (2014)